

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO, CULTURA E TERRITÓRIOS  
SEMIÁRIDOS – PPGESA**

**FABIANA CARLA LOPES DE LIMA**

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR: UMA  
EXPERIÊNCIA COM O LIVRO “O MISTÉRIO DO SUMIÇO DO VELHO  
CHICO”**

**JUAZEIRO/BA  
2018**



**FABIANA CARLA LOPES DE LIMA**

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR: UMA  
EXPERIÊNCIA COM O LIVRO “O MISTÉRIO DO SUMIÇO DO VELHO  
CHICO”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação – Stricto Sensu –  
Mestrado em Educação, Cultura e Territórios (PPGESA) da Universidade do  
Estado da Bahia (UNEB), como parte dos requisitos para obtenção do título de  
Mestre em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos.  
Área de concentração – Educação, Cultura e Contextualidade.

**ORIENTADOR: PROF. DR. COSME BATISTA DOS SANTOS.**

**JUAZEIRO/BA  
2018**

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

**FABIANA CARLA LOPES DE LIMA**

### **A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR: UMA EXPERIÊNCIA COM O LIVRO “O MISTÉRIO DO SUMIÇO DO VELHO CHICO”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação – Stricto Sensu –  
Mestrado em Educação, Cultura e Territórios (PPGESA) da Universidade do  
Estado da Bahia (UNEB), como parte dos requisitos para obtenção do título de  
Mestre em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos.  
Área de concentração – Educação, Cultura e Contextualidade.

Aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018

#### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Cosme Batista dos Santos  
(UNEB/PPGESA)  
Orientador

---

Prof. Dr. Josenilton Nunes Vieira  
(UNEB/PPGESA)

---

Prof. Dr. Simão Pedro dos Santos  
(UPE)  
Examinador externo

## DEDICATÓRIA

À minha mãe, professora Elisabete Maria de Melo Lima, pela herança que me passou por meio das histórias que tão eficientemente contava nas calçadas de casa.

À minha irmã Andréa, incentivadora e apoiadora das minhas decisões, a quem dedico grande admiração pela pureza de coração e alma essencialmente boa.

Ao meu filho Carlos, a quem desejo que, através das histórias que lhe conto e contei, torne-se, a cada dia, um ser humano melhor, tornando a vida de quem cruzar o seu caminho também melhor.

Ao meu esposo, Charles Wesley, a quem devo eterna gratidão pelo apoio, incentivo e dedicação a todos os projetos que inicio, companheiro de muitas horas, exemplo de integridade, honestidade e sinceridade. A ele dedico tudo o que tenho e sou. Eterna admiração e gratidão.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, autor da existência, pelo dom da vida, pela inteligência, pelo seu infinito amor e maravilhosa graça e bondade, além das oportunidades que me deu na vida;

Ao professor Cosme Batista do Santos, por tornar possível correr essa carreira de forma sábia, humana e saudável;

Aos meus colegas de sala e grupo de whatsapp, pela retroalimentação de força para conclusão dessa pesquisa;

As minhas queridas amigas irmãs, Kátia, pela companhia e irmandade, Têca, pelo apoio sempre e pelo incentivo, Rosy, pelas palavras de incentivo e pela amizade e Celma, pelo carinho, contribuições e incentivo ao término dessa pesquisa;

A Jaidson, meu diretor e amigo, pela disponibilidade de carga horária e tantas facilidades que me proporcionaram estudar e concluir o mestrado;

Ao professor e amigo Luiz Carlos, pela correção do texto e pelo incentivo;

Ao professor Josenilton, pela dedicação e pelas ricas contribuições dadas a essa pesquisa;

Ao professor Pedro Pernambuco, como gosta de ser chamado, pelo incentivo e pelas ricas considerações intelectuais feitas a essa pesquisa;

Às professoras colaboradoras Andréa e Anazélia, pela participação e disponibilidade;

À UNEB, por todo conhecimento que me proporcionou durante todo o curso, tornando-me uma pessoa mais capacitada para a vida

Às cunhadas Esther, Susana e Raquel Wesley, pelo incentivo e por acreditar no meu potencial.

## RESUMO

Esta pesquisa propôs investigar a contação de história na prática docente de duas professoras, tendo como suporte o livro “O mistério do sumiço do Velho Chico”, uma obra de literatura infantil contextualizada, que foi apresentada e inserida numa formação docente. A obra apresentou um grande potencial pedagógico, por tratar de um contexto culturalmente importante para o Vale do São Francisco, as lendas, além de apresentar uma possibilidade de discutir os aspectos temáticos presentes no livro, como aspectos relacionados a noções básicas de política e de convivência. Ademais, esta dissertação trouxe uma contribuição ao tema proposto pelo PPGESA, educação e cultura, bem como fez parte das exigências da linha de pesquisa Letramento e comunicação intercultural do programa de pós-graduação em Educação, Cultura e Território Semiárido da Universidade do estado da Bahia-UNEB, pois inseriu a discussão na formação das professoras acerca da necessidade de inclusão de materiais paradidáticos contextualizados com o Vale do São Francisco. Nesta pesquisa, apresentei a contação de história como um aporte pedagógico significativo para o ensino e a aprendizagem infantil. Diante disso, foi considerada a questão da pesquisa que se configurou em: Como o livro O Mistério do sumiço do Velho Chico contribuiu para a formação do professor para o ato da contação de história contextualizada com o Vale do São Francisco? Para tanto, utilizei fundamentos da metodologia da pesquisa colaborativa (ZEICHNER, 1998) e, no decorrer do processo, configurou-se como uma pesquisa-ação (THIOLLENT, 1994), (TRIPP, 2005), além de fundamentar-me no cruzamento entre o que norteia o paradigma do profissional reflexivo Perrenoud (2002) e a formação do professor, suas práticas e exigências no local de trabalho, Kleiman (2001). Com essa pesquisa foi possível verificar que a aplicabilidade do livro reavivou possibilidades de agregar ao dia a dia do aluno e das professoras uma proposta de interação com seus próprios meios, com a identidade sertaneja e a cultura local por meio da contação de história, a qual mostrou ser um aporte gratificante na construção de saberes, no desenvolvimento da imaginação e cognição infantil.

**Palavras – chave: Contação de história. Formação de professor. Literatura infantil contextualizada.**

## ABSTRACT

This research proposed to investigate the storytelling in the teaching practice of two teachers, having as support the book “O mistério do sumiço do Velho Chico”, a contextualized children's literature that was presented and inserted in a teacher education. The work presented a great pedagogical potential, as it deals with a culturally important context for the Valley of the São Francisco, the legends, besides presenting a possibility to discuss the thematic aspects present in the book, as aspects related to basic notions of politics and coexistence. In addition, this dissertation brought a contribution to the theme proposed by PPGESA, education and culture, as well as being part of the requirements of the research line Literacy and intercultural communication of the postgraduate program in Education, Culture and Semi-Arid Territory of the State University of Bahia -UNEB, because it inserted the discussion in the training of the teachers about the necessity of inclusion of paradigmatic materials contextualized with the Valley of the São Francisco. In this research, I presented storytelling as a significant pedagogical contribution to teaching and child learning. Faced with this, the question of the research was considered: How did the book O mistério do sumiço do Velho Chico contributed to the formation of the teacher for the act of storytelling contextualized with the Valley of the São Francisco? For this, I used the foundations of the methodology of collaborative research (ZEICHNER, 1998) and, during the process, it was configured as an action research (THIOLLENT, 1994), (TRIPP, 2005), besides being based on the cross between (2002) and teacher training, its practices and demands in the workplace, Kleiman (2001). With this research it was possible to verify that the applicability of the book revived possibilities of adding to the daily routine of the student and the teachers a proposal of interaction with their own means, with the backwoods identity and the local culture through the storytelling, which has shown to be a rewarding contribution in the construction of knowledge, in the development of children's imagination and cognition.

Key words: Storytelling. Teacher training. Contextualized children's literature.

## **LISTA DE FOTOGRAFIAS**

- FOTO 1 – Oficina de contação o mistério do sumiço do Velho Chico
- FOTO 2 – Escola Municipal Maria Nilza
- FOTO 3 – Escola Recanto
- FOTO 4 – Professora Anazélia contando história
- FOTO 5 – Disposição da sala
- FOTO 6 – A professora fazendo um levantamento prévio do conhecimento dos alunos
- FOTO 7 – Apresentação do livro aos alunos
- FOTO 8 - A expressividade ao ouvir falar nas proezas do Nêgo D'água
- FOTO 9 – O medo ao ouvir falar da serpente da Ilha do fogo
- FOTO 10 – Anazélia cantando uma música de São Gonçalo
- FOTO 11 – Conversa com as crianças sobre as impressões delas acerca do livro
- FOTO 12 – Um bate papo gostoso sobre o livro
- FOTO 13 – Frases produzidas pelas crianças na semana da contação espalhadas por toda a escola
- FOTO 14 – Nossa senhora da rapadura
- FOTO 15 – Apelo a preservação do rio
- FOTO 16 – A professora Andréa
- FOTO 17 – Primeiro contato da professora Andréa com o livro
- FOTO 18 – Turma do 2º ano da escola privada
- FOTO 19 – Disposição da sala
- FOTO 20 – A professora apresentando o livro
- FOTO 21 – A curiosidade infantil para ver o livro
- FOTO 22 – Vibração infantil com o enredo da história
- FOTO 23 – Momento de bate papo após a contação

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1 – Capa do livro.....</b>	<b>32</b>
<b>Figura 2 – Início do livro .....</b>	<b>33</b>
<b>Figura 3 – Claraluz enxerga a sujeira do Velho Chico .....</b>	<b>34</b>
<b>Figura 4 – Trecho do livro que marca o sumiço do rio .....</b>	<b>36</b>
<b>Figura 5 – Indignação da serpente com o descaso dos humanos com o Velho Chico.....</b>	<b>38</b>
<b>Figura 6 – Tudo se normalizou no reino encantado do Velho Chico .....</b>	<b>40</b>
<b>Figura 7 – Representação em quatro fases do ciclo básico da investigação-ação ...</b>	<b>54</b>
<b>Figura 8 – Representação do Nêgo D’água .....</b>	<b>64</b>
<b>Figura 9 – Cantiga de roda presente no livro .....</b>	<b>68</b>
<b>Figura 10 – Cantiga de São Gonçalo presente no livro .....</b>	<b>70</b>
<b>Figura 11 – Final da história .....</b>	<b>71</b>

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>1. REVISÃO DA LITERATURA – Formação de professores: rememorando a teoria para assimilar a formação contínua</b> .....	18
<b>1.1 Formação: Conceituando</b> .....	18
<b>1.2 O paradigma do profissional reflexivo</b> .....	21
<b>1.3 Contação de história, uma arte milenar</b> .....	25
<b>1.4 As histórias e a literatura</b> .....	27
<b>1.5 Contadores contemporâneos: desafios e conquistas</b> .....	29
<b>2. O LIVRO</b> .....	32
<b>2.1 O Mistério do Sumiço do Velho Chico</b> .....	33
<b>3. ROTA METODOLOGIA – UM TRAJETO PERCORRIDO PELA PESQUISA COLABORATIVA À INVESTIGAÇÃO-AÇÃO</b> .....	43
<b>3.1 GERAÇÃO DE DADOS DA PESQUISA</b> .....	44
<b>3.1.1 RELATO DA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA</b> .....	43
<b>3.2 AS ESCOLAS</b> .....	50
<b>A PRIMEIRA: ESCOLA MARIA NILZA</b> .....	50
<b>A SEGUNDA: ESCOLA RECANTO</b> .....	52
<b>3.3 DA PESQUISA COLABORATIVA À PESQUISA-AÇÃO</b> .....	52
<b>ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA-AÇÃO</b> .....	55
<b>4. CONTADORAS DE HISTÓRIAS CONTEMPORÂNEAS – DOIS EXEMPLOS DE SEMEADURA</b> .....	58
<b>CONHECENDO A PRIMEIRA PROFESSORA CONTADORA</b> .....	58
<b>PRIMEIRO CONTATO COM A PROFESSORA ANAZÉLIA</b> .....	60
<b>A CONTAÇÃO</b> .....	60
<b>O DIA DEPOIS DA CONTAÇÃO</b> .....	72
<b>CONHECENDO A SEGUNDA PROFESSORA CONTADORA: ANDRÉA CRISTINA</b> .....	76
<b>A TURMA</b> .....	80
<b>A CONTAÇÃO</b> .....	81

<b>Disparidades, similaridades e singularidades entre os dois eventos de contação</b>	
.....	85
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	89
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	93
<b>APÊNDICES</b> .....	97

## INTRODUÇÃO

Minha relação com a contação de história começou ainda quando eu era criança com minha mãe, uma exímia contadora de histórias e causos. Na época de minha infância e juventude, sentada numa cadeira de balanço, na calçada da minha rua, Elisabete, minha mãe, juntava toda a garotada da rua para sessões noturnas de contação de histórias. Durante as sessões, ela pedia que nós, os filhos, primos e vizinhos, fizéssemos cafuné na cabeça dela enquanto, fabulosamente, contava-nos as mais incríveis e inacreditáveis histórias.

Naquele período, eu ainda não tinha noção de como as histórias faziam parte da minha essência e da construção da minha personalidade, da criatividade e das emoções, assim como dos meus irmãos, que adquiriram uma enorme capacidade de criatividade, uma veia cômica cotidiana, além de grande expressividade. As sessões preferidas pelos ouvintes eram as de terror, que formavam um misto de realidade e ficção, deixando os presentes aterrorizados e vigilantes.

As histórias eram sempre relacionadas às cidades próximas da nossa realidade, principalmente de Serra Talhada, Salgueiro, Cabrobó, Floresta, Feira Nova, o que tornava o contexto ainda mais interessante e emocionante, pois muitos de nós éramos naturais desses locais.

A relação de proximidade entre a origem dos ouvintes e os causos que ouvíamos era o tempero certo para prender a atenção e nos tornar participantes da história, permitindo-nos envolver de forma arrebatadora. Os causos mexiam com nosso imaginário, com nossas emoções e soavam como uma harmonia perfeita, que embalava nossas noites estreladas e aconchegantes.

Para Sisto (2007), contar história pode ser uma sinfonia. Desde que, nesta, orquestrada com palavras, entre todos os instrumentos: do sopro da respiração ao metal da voz; do dedilhar do corpo ao ribombar do olhar. Naturalmente, eu percebi que minha mãe tinha essa capacidade de contar e encantar, garantindo o envolvimento de todos os presentes, fazendo-nos imaginar as situações relatadas tão claramente que, por muitas vezes, tínhamos a impressão de que éramos personagens daquelas histórias.

Sentada em uma cadeira de balanço, rodeada de crianças, ela conseguia praticar a arte de contar histórias de forma espontânea e cativante sem a utilização de qualquer outro recurso que não fosse a voz. Nessa perspectiva, Sisto (2007) enfatiza que contar histórias, na verdade, é a união de muitas artes: da literatura, da expressão corporal, da poesia, da música, do teatro... Não há como ignorar esse quê de performático do contar histórias. Ainda para o autor, mesmo que o foco maior seja apenas a voz e o texto, projetados no espaço, para atingir uma plateia, a utilização desses dois elementos já bastaria para caracterizar o cênico e o dramático.

Frente a essa experiência maravilhosa e enriquecedora de vida, comecei a relacionar a contação de história à minha prática docente, enquanto que a relacionava também a minha postura de mãe leitora e contadora durante a formação escolar do meu filho.

No decurso das minhas observações, percebi a ausência de livros paradidáticos que trabalhassem com temas relacionados ao sertão e à cultura local. As escolas do Vale do São Francisco, pelo que pude observar, adotam livros oriundos de outras regiões que versam de realidades e culturas maravilhosas, porém, distantes da nossa prática.

Frente a isso, é importante que os professores compreendam que a contação de história deve ser uma prática constante no processo formativo e que eles assumam essa postura de contador, não como uma obrigação a mais que seja preciso uma roupa especial,

um cantinho especial ou uma história especial. De acordo com Sisto (2007, p. 41), “Não é o carimbo da biblioteca nem a exposição na prateleira dos livros de arte da livraria, nem o lugar fixo entre as dissertações e as teses universitárias que garantem o lugar da arte para o contar história”. Contar história deve ser uma ferramenta muito rica para auxiliar no desenvolvimento infantil, na construção da afetividade, na forma de lidar com os medos, com os traumas, na construção da personalidade e no exercício da imaginação. Para Busatto, contar histórias envolve várias situações.

Conto histórias para formar leitores; para fazer da diversidade cultural um fato; valorizar as etnias; manter a História viva; para se sentir vivo; para encantar e sensibilizar o ouvinte; para estimular o imaginário; articular o sensível; tocar o coração; alimentar o espírito; resgatar significados para a nossa existência e reativar o sagrado (BUSATTO, 2003, p. 45-46).

O desenvolvimento da personalidade infantil, ainda em fase de construção, deve ser alimentado pelo participante desse processo enquanto professor contador de histórias, pois a ele cabe o papel de estimular o desenvolvimento da imaginação, da criatividade, da resiliência.

O que vale mais é sentir a liberdade de ser coautor da história narrada e poder receber a experiência viva e criar na imaginação o cenário, as roupas, a cara dos personagens, o jeito de cada um, as cores e tudo que foi sugerido pelo narrador. (SISTO, 2007, p. 20).

Dessa forma, desenvolvi a questão dessa pesquisa, que se configurou da seguinte maneira: Como o livro “O Mistério do sumiço do Velho Chico” contribuiu para a formação do professor para o ato da contação de história contextualizada com o Vale do São Francisco e a prática da contação de história poderão contribuir na formação docente? Na tentativa de compreender essa questão, desenvolvi o objetivo geral voltado a investigar a contação de história na prática docente de duas professoras, tendo como suporte o livro em questão.

Para auxiliar na execução do proposto, elaborei os objetivos específicos, que se configuraram em analisar a linguagem, os aspectos estéticos e temáticos do livro em

questão, formar professores para trabalhar o livro em sala de aula e verificar os eventos de contação num processo de intervenção pedagógica que enfatiza a construção de saberes no local de trabalho.

Sistematicamente, esta dissertação está organizada da seguinte forma: a introdução, na qual há uma breve justificativa da escolha da temática, uma breve descrição de aspectos centrais que norteiam a pesquisa, os objetivos, os referenciais teóricos-metodológicos e como ocorreu todo o processo de investigação.

No capítulo 1 (um), apresentei um histórico sobre a origem da contação de história, como surgiram os contadores tradicionais e, posteriormente, os contadores contemporâneos. Além disso, busquei fazer um trajeto de como a contação tem permanecido como uma arte na atualidade, inclusive em sala de aula como ferramenta de aprendizagem.

Ainda nesse capítulo, fiz um cruzamento do professor reflexivo à luz de Perrenoud (2002), posto que o referido autor afirma que devemos considerar as vivências e experiências do professor, de modo que sirvam como base para construção de novos saberes e alicerces para novas competências, com a valorização do professor no seu local de trabalho, fato abordado por Kleiman (2001), o qual a autora aponta que devemos considerar as discussões acerca do professor tanto relacionadas às competências e dificuldades, como as práticas e exigências no local de trabalho.

No capítulo 2 (dois), achei pertinente mostrar um panorama do livro “O mistério do sumiço do Velho Chico”, que serviu como base à pesquisa, para à oficina de formação de professores e aos eventos de contação que foram realizados em duas escolas, uma pública e outra particular, ambas na cidade de Sobradinho-BA.

No capítulo 3 (três), apresentei um roteiro metodológico do caminho percorrido pela pesquisa, a qual foi norteada pela pesquisa colaborativa e pela pesquisa-ação, na qual

se apresenta um diálogo entre as especificidades da pesquisa-ação orientada pelos escritores Thiollent (1986) e Tripp (2005) e Zeichner (1998).

Ainda neste capítulo, descrevi a experiência que obtive na primeira tentativa de formação de professores, que aconteceu numa escola municipal na cidade de Petrolina-PE, e os motivos que me levaram a buscar outras formas de coletar e analisar dados para conclusão da pesquisa.

O capítulo 4 (quatro), trouxe um perfil biográfico das professoras contadoras, suas trajetórias enquanto professoras e contadoras. Nele, descrevi o contato que mantive com as participantes da pesquisa, o processo de análise, discussão e reflexão acerca do livro adotado, além de uma descrição dos eventos de contação e as respectivas análises e observações, apoiando-me, para tanto, nos pressupostos de Perrenoud (2002), Sisto (2007), Prieto (2011).

Ficou evidente a minha relação com esta temática, a contação de história, além do desejo de inseri-la como um aporte pedagógico na prática docente, especificamente com uma literatura voltada para reflexões acerca do sertão nordestino e do vale do São Francisco.

Acredito que esta pesquisa foi relevante para todos os participantes deste processo, as professoras contadoras envolvidas na investigação, visto que, através dela, houve uma intervenção formativa e prática na práxis pedagógica, de modo que estas experimentaram a funcionalidade da contação de história contextualizada com a nossa região de forma simplificada e como aliada no processo de ensino-aprendizagem.

Para mim, enquanto pesquisadora, esta investigação deu suporte teórico para realização de uma arte que eu já, há muito, vivenciava, bem como oportunizou-me conhecer e aprender mais com as professoras e acompanhá-las durante os eventos de

contação, além de proporcionar uma enorme satisfação pessoal e profissional que contribuiu para expandir ainda mais a minha mente e ampliar meu conhecimento.

À comunidade escolar, na qual a contação de história pôde e poderá contribuir na construção de saberes, na composição da personalidade infantil, tendo a cultura sertaneja do Vale do São Francisco como elemento importante para fincar raízes, além da prática de leitura, oralidade e escrita na produção de textos através do processo de (re)textualização na sala de aula.

Para a academia, esta pesquisa tem um caráter que irá explorar e investigar a contação de história como uma ferramenta eficaz no ensino-aprendizagem, tratado aqui com um viés da pesquisa colaborativa e pesquisa-ação, potencializando as vozes das professoras contadoras, bem como acrescentou aos estudos as experiências dos eventos de contação de história contextualizada com o vale do São Francisco.

Nas considerações finais, optei por apontar caminhos inacabados, pois o processo de formação é contínuo e dinâmico, exigiu de todos os participantes momentos de reflexão, estudo, rupturas de paradigmas necessários e mudanças de práticas docente na área da contação de histórias contextualizadas.

## **1. REVISÃO DA LITERATURA – Formação de professores: rememorando a teoria para assimilar a formação contínua**

Para organizar esse momento da pesquisa, assumi subsídios teóricos constituídos de princípios, conceitos e concepções de: formação, formação profissional, formação docente continuada e professor reflexivo, estruturados por meio da interlocução em autores como: García (1999); Perrenoud (2002); Kleiman (2001), além de contadores de história como Sisto (2007); Busatto, (2003); Malba Tahan (1966).

### **1.1 Formação: Conceito**

O conceito de formação deriva da palavra latina *formatio*. Trata-se da ação e do efeito de formar ou de se formar (dar forma a/constituir algo ou, tratando-se de duas ou mais pessoas ou coisas, compor o todo do qual são partes).

A formação também se refere ao modo como uma pessoa foi criada na sua infância e adolescência, isto é, à educação que recebeu. Exemplo: “Aquela senhora é muito bem formada” (é educada e tem modos elegantes).

O conceito de formação que me interessa, no momento, é o que se refere à formação da pessoa. Nesse sentido, a palavra formação está relacionada à modificação tanto biológica, referindo-se ao desenvolvimento físico e às transformações orgânicas e emocionais, quanto cognitiva, relativa às aprendizagens, oferecidas pela relação que o sujeito estabelece com as pessoas com quem se relaciona e com o meio em que está inserido. Assim, a formação é algo que ocorre naturalmente, bastando o indivíduo viver em sociedade. Apesar disso, o conceito de formação vai além dessa compreensão, alcança âmbitos maiores em que os acontecimentos naturais não são suficientes ao indivíduo.

García (1999, p. 19) associa a formação ao conceito de desenvolvimento pessoal, destacando-a como “[...] o processo de desenvolvimento que o sujeito humano percorre

na procura de sua identidade plena [...]”. Tal identidade está firmada nos princípios impostos pela sociedade e pela cultura presente no contexto em que está inserido, ou seja, pelas normas, padrões, modelos e costumes aos quais o indivíduo deve se adaptar.

A reflexão de García (op. cit.) me parece apropriada para conceituar formação com relação ao desenvolvimento pessoal, já que realça que se formar nada mais é do que um trabalho sobre si mesmo, livremente imaginado, desejado e procurado, realizado pelos meios que são oferecidos ou que o próprio sujeito procura.

Explorada sob esse ponto de vista, a formação está relacionada a algo construído de forma consciente e desejada, sendo o sujeito responsável pelo seu próprio aperfeiçoamento e desenvolvimento. Este tipo de formação acontece quando o indivíduo possui objetivos e metas a alcançar, quando busca a formação de valores pessoais e não apenas uma formação tecnicista.

No entanto, não devemos pensar que a formação acontece unicamente de forma autônoma. Também pode ser organizada e desenvolvida por meios exteriores ao indivíduo.

Quando trato da formação promovida por especialistas, considero pertinentes as ideias de Collares et. al. (1999), autores que discutem as concepções de sujeito e conhecimento subjacentes às propostas de formação de professores, os quais alertam que, muitas vezes, esse conceito aparece relacionado a termos como “informar, formar, moldar”. Essas expressões induzem representações depreciativas, como se formar fosse o ato de “enformar, pôr em fôrma” (COLLARES et. al., 1999, p. 204). Isto porque, quando se pensa em formação, geralmente tem-se o olhar voltado ao passado, cuja forma se quer projetar no futuro.

É justamente essa característica que dá à formação um caráter de “enformação”, utilizando o passado como forma para o futuro. Sob este ponto de vista, o futuro é

constituído por repetições daquilo que as pessoas creem ter dado certo no passado. Desse modo, o que as autoras propõem é a formação como um “instrumento de construção de subjetividades não assujeitadas ao passado” (COLLARES et. al, op. cit., p. 205), influenciando na organização do futuro, e não procurando apenas determiná-lo.

Uma reflexão mais profunda e rigorosa a respeito da noção de formação é apresentada ainda por essas autoras ao destacar que, em se tratando de formação, “não se pode fazer programas para o futuro, posto que os programas são projeções abstratas e mecanicistas que os acontecimentos desbaratam. [...] é necessário projetar valores, ideias-força, ideias motoras” (COLLARES et. al, op. cit. p. 205), uma vez que, na formação, estão implícitas a imprevisibilidade e a luta para que o homem do futuro não seja uma repetição do presente, é preciso objetivar um homem aberto, disponível à mudança.

É nesse sentido que García também prefere conceituar formação, relacionando-a ao ato de constituir, desenvolver e aperfeiçoar. Nessa medida, esse ato

[...] está geralmente associado a alguma atividade, sempre que se trata de formação para algo, entendida como uma função social de transmissão de saberes, de saber-fazer ou de saber-ser [...]. Um processo de desenvolvimento e estrutura da pessoa que se realiza por meio da maturação interna e de possibilidades de aprendizagem por meio de experiências dos sujeitos (GARCÍA, 1999, p. 19).

Considerada dessa maneira, a formação tem efeito de construção, de transformação e modificação, de algo positivo que contribui significativamente para a constituição do indivíduo, algo imprescindível para que se conquiste a satisfação pessoal, social e profissional, algo permanente e contínuo.

Considero, pois, pertinente mencionar os estudos de Perronoud (2002), isto pelo fato de que ele aborda a necessidade de formar um professor reflexivo. Nesse sentido, o autor afirma que sem um fio condutor, o debate sobre formação docente perde-se num

embaraço de mecanismos institucionais e disciplinares. Assim, ele defende que um acordo sobre uma concepção global da formação pode facilitar e tornar mais coerente a mudança.

Uma das ideias – força apoia-se em inserir na formação, tanto a inicial como na contínua, uma estratégia de profissionalização do ofício de professor. “Trata-se de uma perspectiva a longo prazo, de um processo estrutural, de uma lenta transformação”. (PERRENOUD, 2002, p. 09). Para o autor, não haverá qualquer evolução na profissionalização do ofício se a mesma não for desejada, e sustentada continuamente por muitos atores coletivos para além das conjunturas e alternâncias políticas.

No dia a dia do professor, aparecem muitas situações que apresentam níveis variados de complexidade, exige dos docentes resoluções diferentes para cada tipo de situação. Para Perrenoud (2002, p. 11), “isso não pode acontecer sem saberes abrangentes, saberes acadêmicos, saberes especializados e saberes oriundos da experiência”.

## **1.2 O paradigma do profissional reflexivo**

O fato de pensarmos não nos torna necessariamente pessoas reflexivas. O pensar nos diferencia de outros animais, porém a capacidade de reflexão, em diversas situações cotidianas, torna-nos únicos. Essa capacidade de avaliar nossas ações pode nos tornar seres reflexivos. Contudo, Perrenoud (2002, p. 13) esclarece que “é preciso estabelecer a distinção entre a postura reflexiva do profissional e a reflexão episódica de todos nós sobre o que fazemos”. Não obstante, a autonomia e a responsabilidade de um profissional dependem da capacidade de refletir em e sobre suas ações e essa capacidade está na essência do desenvolvimento permanente.

É importante ressaltar que Schon (1991, apud PERRENOUD, 2002) desenvolveu o paradigma do profissional reflexivo com o objetivo de combater a ideia presente nos

anos 1970 e 1980 de que a ciência oferecia uma base suficiente para uma ação racional. Sabemos que grande parte dos desafios enfrentados pelo profissional não pode ser solucionada apenas com auxílio de saberes teóricos. Assim, a referência do profissional reflexivo é apresentada como uma forma de realismo e humildade.

O paradigma reflexivo articula racionalidade científica e prática reflexiva. A instrução para a prática reflexiva seria uma forma de aliar a realidade do profissional com objetivos mais audaciosos. Assim sendo, na formação contínua, a que trabalha com professores que já exercem sua função há algum tempo, poderia ser uma formação reflexiva e não correr o risco de que a prática reflexiva seja apenas especialização suplementar.

Para formar um profissional reflexivo, deve-se pensar um profissional capaz de dominar sua própria evolução, considerar suas vivências e experiências, de modo que sirvam como base para construção de novos saberes e alicerces para novas competências. Esse profissional deverá ter como objetivo uma prática e uma postura firmadas tanto no trabalho realizado por si mesmo como em procedimentos globais. De acordo com Perrenoud (2002, p. 23), “a análise das práticas, o trabalho sobre o *habitus*, o trabalho em torno de situações-problema são dispositivos de formação que visam desenvolver a prática reflexiva”.

Naturalmente, as pessoas refletem de modo espontâneo acerca de suas práticas, porém, se essas inquietações não forem metódicas ou regulares, não levarão a mudanças nem tomadas de consciência. Perrenoud (2002, p. 43) destaca que

Um “professor reflexivo” não pára de refletir a partir do momento em que consegue sobreviver na sala de aula, o momento que consegue entender melhor sua tarefa e em que sua angústia diminui. Ele continua progredindo em sua profissão mesmo quando não passa por dificuldades e nem por situações de crise, por prazer ou porque não pode evitar, pois a reflexão transformou-se em uma forma de identidade e de satisfação profissionais.

A postura reflexiva não se constrói espontaneamente, antes corresponde a um trabalho, que, para se tornar regular, exige uma postura e uma identidade particular. Assim, se desejarmos tornar o ofício de professor uma profissão plena, as formações devem oferecer saberes que tenham a capacidade de resolver problemas práticos e valorizem as práticas vigentes.

Quando falamos em ofício do professor, devemos considerar as discussões que rodeiam esses profissionais. Tanto relacionadas às competências e dificuldades, como às práticas e exigências no local de trabalho. Kleiman (2001) apresenta algumas implicações de um debate que acentua o processo de desvalorização da professora na imprensa, na universidade e nos órgãos governamentais.

A primeira implicação é relacionada à representação social da professora alfabetizadora. Num retrato dos últimos anos, essa representação mostra uma figura com grandes limitações e deficiências. Uma profissional que não é competente no que deve fazer para exercer sua profissão. Ou seja, não sabe escolher um bom material didático, que não tem o hábito de leitura e que não consegue escrever um parágrafo coerente em prosa. Essa avaliação também é extensiva às alunas do curso de pedagogia, letras e outras habilitações.

A autora apresenta os estudos sobre a extração social da alfabetizadora e sobre seu letramento que mostra que a maioria das educadoras da educação básica provêm de famílias de baixa ou nenhuma escolaridade e seus diplomas, muitas vezes, são resultados de esforços coletivos. Os letramentos tardios das professoras as tornam vítimas de uma situação cruel, a insegurança acerca de seu lugar no grupo e a falta de visibilidade por outras categorias, os acadêmicos, por exemplo.

Para a autora, a representação que a imprensa faz das capacidades das professoras de ler e escrever apresenta falhas. “Ela é representada como não-leitora, não porque não

leia, mas porque não tem familiaridade com a apreciação da literatura legítima (em oposição à literatura para as massas)” Kleiman (2001, p. 43).

A autora sugere que as práticas de letramento das professoras deveriam ser analisadas a partir das práticas de leitura para o trabalho e no contexto do trabalho, considerando exigências e capacidades de comunicação efetivamente requeridas para ensinar.

Considero importante salientar dois fatores. O primeiro é que devemos olhar o professor na perspectiva do letramento, em vez da perspectiva dos estudos de literatura. O segundo é fazer uma correlação entre as exigências acadêmicas de letramento feitas à professora e as reais exigências do trabalho.

Partamos, então, das exigências no local de trabalho. Para essa pesquisa, são de extrema relevância as histórias contextualizadas. A literatura que me interessa nesse momento é a literatura regional que possibilite à professora traçar uma interação com seus alunos que atenda às expectativas de apresentar a cultura local contextualizada com práticas de leitura e de contação de história.

Ou ainda que a professora seja capaz de realizar seu potencial da contação de história no exercício da sua profissão em consequência das limitações da oralidade, da leitura, desenvoltura, desempenho ou se essa limitação a impede de inserir seu aluno no mundo da literatura infantil e das histórias.

Kleiman, (2001, p. 46) contribui, ao falar sobre a leitura contemporânea

A boa literatura – tanto clássica quanto contemporânea- é importante e pode ser uma fonte de prazer para todos, não apenas para a professora, e por isso deveria ser lida e apreciada por todos, em todo tempo e lugar, inclusive na escola.

A leitura infantil está diretamente ligada a uma boa história. O ato de ouvir histórias influencia no desenvolvimento do ato de ler e escrever. A curiosidade e a

imaginação que as histórias potencializam no ouvinte atuam no nascimento de futuros leitores e escritores.

### **1.3 Contação de história, uma arte milenar**

Contar história é uma atividade bastante comum nos dias de hoje. Pessoas em todo o mundo contam histórias todo o tempo. Essa arte é considerada muito antiga, pois antes da escrita, todo saber era transmitido oralmente. Graças à contação de história, foi possível haver um repasse das memórias de muitos povos.

Por muito tempo, a tradição oral foi a solução encontrada por comunidades que não se valiam da escrita para transmitirem suas culturas, saberes, crenças e valores. Valores esses, considerados essenciais para propagação e a sobrevivência individual e grupal.

Segundo Ramos (2011, p. 29), a arte de narrar histórias encontra suas raízes nos povos ancestrais, que contavam e encenavam histórias para difundirem seus rituais, os mitos, os conhecimentos acerca do mundo sobrenatural ou não, e sobre as experiências adquiridas pelo grupo ao longo do tempo. Além da comunicação oral e gestual, ao narrarem suas histórias, também registravam nas paredes das cavernas, com desenhos e pinturas, suas experiências, algumas delas vividas no cotidiano. A memória auditiva e a visual eram, então, essenciais para a aquisição e o armazenamento dos conhecimentos transmitidos.

Os contadores eram considerados pessoas de grande notoriedade nas comunidades, pois eram eles os conselheiros, que se baseavam em fatos, mitos e histórias contadas por eles mesmos, mantendo viva a memória da sua coletividade. “Um momento performático acontecia quando os contadores narravam suas histórias. Histórias cheias de

ensinamento e conhecimento que gerava no ouvinte a curiosidade, conforto, reflexão e transformação.” (RAMOS, 2011, P. 30).

Nas sociedades primitivas, essa atividade tinha um caráter funcional definidor, pois cabia aos contadores a função de difundir e conservar o conhecimento que construía a história de gerações. Por muito tempo, essa prática permaneceu ativa, sem vestígios escritos, porém viva na memória de vários povos. Assim, os contos foram transmitidos de geração a geração pela tradição oral e percorreram do oriente ao ocidente.

De acordo com Benjamin (1994), os navegantes, comerciantes e os camponeses foram os principais encarregados pela preservação das histórias. Os camponeses que permaneciam fixos eram perfeitos conhecedores do lugar onde moravam e os navegantes e comerciantes traziam histórias de terras longínquas. O encontro entre os camponeses, navegantes, comerciantes e a comunidade em geral formou o que Benjamin (1994) chamou de comunidades de ouvintes, que eram encontros nos quais uma parte da comunidade sentava em volta de fogueiras para ouvir e trocar conhecimento. As informações trocadas se misturavam entre muitas culturas de diferentes partes do mundo.

Na África ocidental, os griôs são os mestres da arte das palavras. Os griôs, grupos de pessoas que se reúnem para contar histórias, dizem que representam a memória dos homens. Eles são narradores, cantores e músicos responsáveis pela transmissão oral das tradições de seu povo e já praticavam essa arte bem antes de os europeus invadirem o continente.

Na Europa, de acordo com Warner (1999), a figura do contador esteve sempre ligada às mulheres que teciam, pois, a participação feminina era vetada na vida social e política. Assim, durante seus trabalhos manuais aconteciam sessões de histórias.

O ato de contar histórias é um exercício que pertence à imaginação humana há muitos anos. Pessoas de toda parte do mundo contam histórias com diferentes finalidades.

Uns usam essa arte para ensinar, divertir, assustar, lembrar, propagar, reviver ou simplesmente passar o tempo, outros usam esse artifício como técnica mais precisa para um processo de cura interior, usando sua própria história como aprendizado.

Freud já adotava a “cura pela fala”, sendo que o método proposto tem sua origem na escuta do sujeito que sofre. Para funcionalidade do método, é essencial que esta escuta se desdobre numa escuta de si. “Por meio da fala, é dada ao paciente a oportunidade de se conectar com ideias recalçadas que produzem sintomas”. (FOCHESATTO, 2011, P. 166).

A notoriedade dada à contação de história em várias áreas transformou essa arte num fenômeno e numa fonte de pesquisa. Porém, é importante ressaltar que, com a chegada da escrita, a literatura teve um papel definidor na propagação das histórias, aquilo que até então era tradição oral, passou a ser escrita e a alcançar mais pessoas em instituições de ensino.

#### **1.4 As histórias e a literatura**

Muitos de nós guardamos na memória algumas das histórias mais famosas dos irmãos Grimm, Branca de neve, Cinderela, Chapeuzinho vermelho, Rapunzel, João e Maria, ou ainda dos romances, O Guarani, Iracema, Senhora ou ainda dos contos de Hans Christian Andersen, o patinho feio, a princesa e a ervilha e a roupa nova do rei.

De acordo com Sant’Anna (2011, p. 15), foram os românticos os responsáveis pela revalorização da memória oral das comunidades. Os romances foram uma recriação das narrativas orais. Por outro lado, os irmãos Grimm na Alemanha, o dinamarquês Hans Christian Andersen e o romancista José de Alencar, foram buscar nas lendas, na história, no folclore, o imaginário coletivo.

Com a chegada da imprensa, os livros e os jornais se transformaram em agentes culturais para a população. Os antigos contadores ficaram para trás, porém, os contos narrados por eles já haviam sido incorporados pelo povo. Assim, as histórias adentraram às nossas residências de forma doce e encantadora por meio das nossas avós, nossas mães, e cuidadores.

A partir disso, crianças de todos os lugares tinham acesso a histórias de todos os tipos. Ao som da voz dos pais, avós ou parentes, elas viajavam para lugares diversos sem sair daquele recinto, exercitavam a imaginação, desenvolviam a afetividade e administravam os medos e os pensamentos.

De acordo com Malba Tahan (1966), a história tem o poder de exercitar a memória, a observação, a inteligência, a lógica, além de estimular a imaginação e intensificar emoções nas relações sociais da pessoa. Ainda, tem a capacidade de ampliar o vocabulário, favorecer o ensino da língua e organizar a sequência lógica dos fatos, contribuindo, por exemplo, para o aprendizado da matemática.

A história também apresenta elementos para superar dificuldades, de forma que leva as pessoas a um mundo de fantasia onde as aventuras vividas pelos personagens permitem o processamento dos significados contidos na história, criando e recriando possibilidades sobre como agir diante de um problema, encontrando alternativas criativas (TAHAN, 1966).

Para Sisto (2007), a história bem contada produz ecos no ouvinte. Ecos que se prolongam para além do momento da contação. As marcas, visíveis ou não, deixadas pela história, podem se perceptíveis ou imperceptíveis. De acordo com o autor, esse é um momento de reciprocidade, pois quem ouve ou quem narra o conto quer sentir o poder da palavra. “Contar, então, é também a arte da reverberação.” (SISTO, 2007, P. 38).

### **1.5 Contadores contemporâneos: desafios e conquistas**

Como um colecionador, que conhece a fundo cada peça de sua coleção, o contador de histórias há de reconhecer cada parte da estrutura de uma história que ele conta.

Celso Sisto

Diferentemente do passado, atualmente, os contadores contemporâneos dispõem de fontes escritas para exercer a contação de história. Contudo, ainda há um pequeno entrave no ato do contar e sua relação com os que praticam esse exercício.

Por muitas vezes, aqueles a quem chamamos de contadores contemporâneos, pais, professores e cuidadores, não introjetaram ainda a importância da sua função ou não se reconhecem enquanto contadores. Esses contadores atuais são, muitas vezes, os responsáveis pelo desenvolvimento do hábito infantil de ouvir histórias e pela possibilidade de desencadear um bom leitor.

A disputa enfrentada pelas histórias na atualidade é considerada injusta, pois as crianças de hoje são submetidas a uma enxurrada de estímulos televisivos. Além da TV, temos também a invasão tecnológica que está, a cada dia, mais interativa e conquistadora, fazendo com que as crianças optem por essas ferramentas tecnológicas a um livro de literatura infantil.

É salutar citar que, apesar de toda beleza e prazer causados pela leitura de um belo livro de histórias, essa mesma história contada em forma de desenho animado, numa grande TV de enormes polegadas, fica muito mais interessante para as crianças modernas.

Outro fator importante pertinente à contemporaneidade é o tempo, ou a falta dele, dedicado aos pequenos futuros leitores. O (des)envolvimento traz consigo fatores que impossibilitam às pessoas dedicarem tempo, e principalmente tempo de qualidade, para os seus. Dessa forma, o uso cada vez mais cedo das tecnologias torna-se um forte “aliado” na educação dos filhos.

De acordo com Mainardes (2007), os tempos atuais são outros e, conseqüentemente, os valores adotados pela maioria das famílias também mudaram muito. A prática de contar história foi substituída pelo vídeo-game, pela televisão e pelo celular. Ainda para a autora, apesar da enxurrada de estímulos a qual a criança está exposta diariamente, o fascínio causado por uma boa história continua o mesmo, “pois quando se conta uma história, lança-se um fio invisível que vai enredando o narrador ao ouvinte, pelas tênues tramas da narração” (MAINARDES, 2007, P. 4).

Diante dos desafios da modernidade, novos rumos se deram aos contadores contemporâneos: os professores tomaram para si a função de contá-las. Para Ramos (2011), os contadores ressurgem, como fenômenos urbanos, dando origem, ao que chamamos atualmente de contadores urbanos ou novos contadores. Esse fenômeno atingiu também o campo educacional. Professores começaram a implantar nas aulas as histórias que já não eram suas, e sim criações em livros. “Suas performances deixaram de ser narrativas de experiências por eles vivenciadas; e dos contadores de histórias hoje é exigido o domínio de outras técnicas para (re)contar as histórias de outros” (RAMOS, 2011, p. 31).

Essa função tornou-se mais uma ferramenta para a aprendizagem e encontrou aporte na variedade de livros paradidáticos contemporâneos e materiais em áudio e audiovisuais disponibilizados por outros contadores na internet. Além da disponibilidade de material para contação que hoje se encontra ao alcance dos professores, outro fator que está notório é o desempenho natural que o dia a dia transmite ao professor, capacitando-o para essa arte, ainda que para o mesmo não seja perceptível a ponto de ele, o professor, considerar-se um contador.

Para ser um bom contador de histórias, não é preciso possuir habilidades específicas, apenas que haja com o coração, use uma boa entonação, timbre de voz

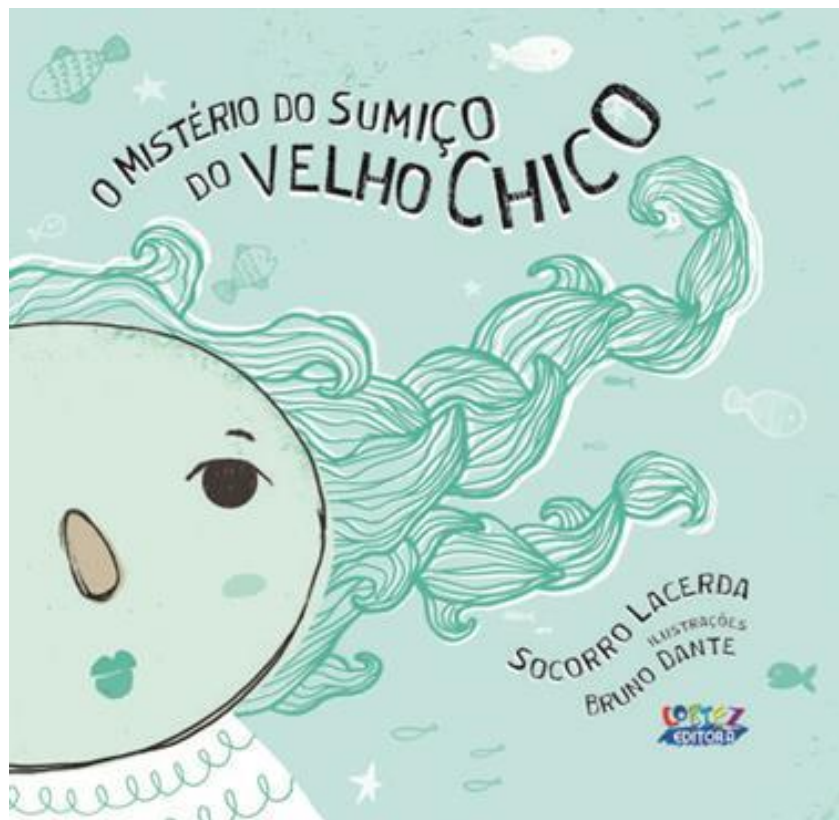
adequada, expressões faciais e corporais. Assim os ouvintes criarão laços identificatórios e entrarão na história. Além de explorar os recursos possíveis e disponíveis, fazer uso da criatividade e principalmente ter um olhar atento ao público, a fim de sondar o encaminhamento da história e seu desfecho.

## 2. O LIVRO

E nossa história não estará pelo avesso assim sem final feliz, teremos coisas bonitas para contar. E até lá, vamos viver, temos muito ainda por fazer...

Renato Russo

FIGURA 1: CAPA DO LIVRO



Fonte: <http://www.cortezeditora.com.br/misterio-do-sumico-do-velho-chico-o-1375.aspx/p>

Este capítulo trata da apresentação e da análise do livro “O mistério do sumiço do Velho Chico”.

Convém mencionar que o método de análise se baseia no conceito de configuração textual, tal qual proposto por Mortatti (2000), que o define como:

[...] as opções temático-conteudistas (o que?) e estruturais-formais (como?) projetadas por determinado autor (quem?), que se apresenta como sujeito de um discurso produzido de determinado ponto de vista e lugar social (de onde?) e momento histórico (quando?), movido por certas necessidades (por quê?) e propósitos (para quê?) e visando a determinado efeito e um determinado tipo de leitor previsto (para quem?); assim como a circulação, utilização e

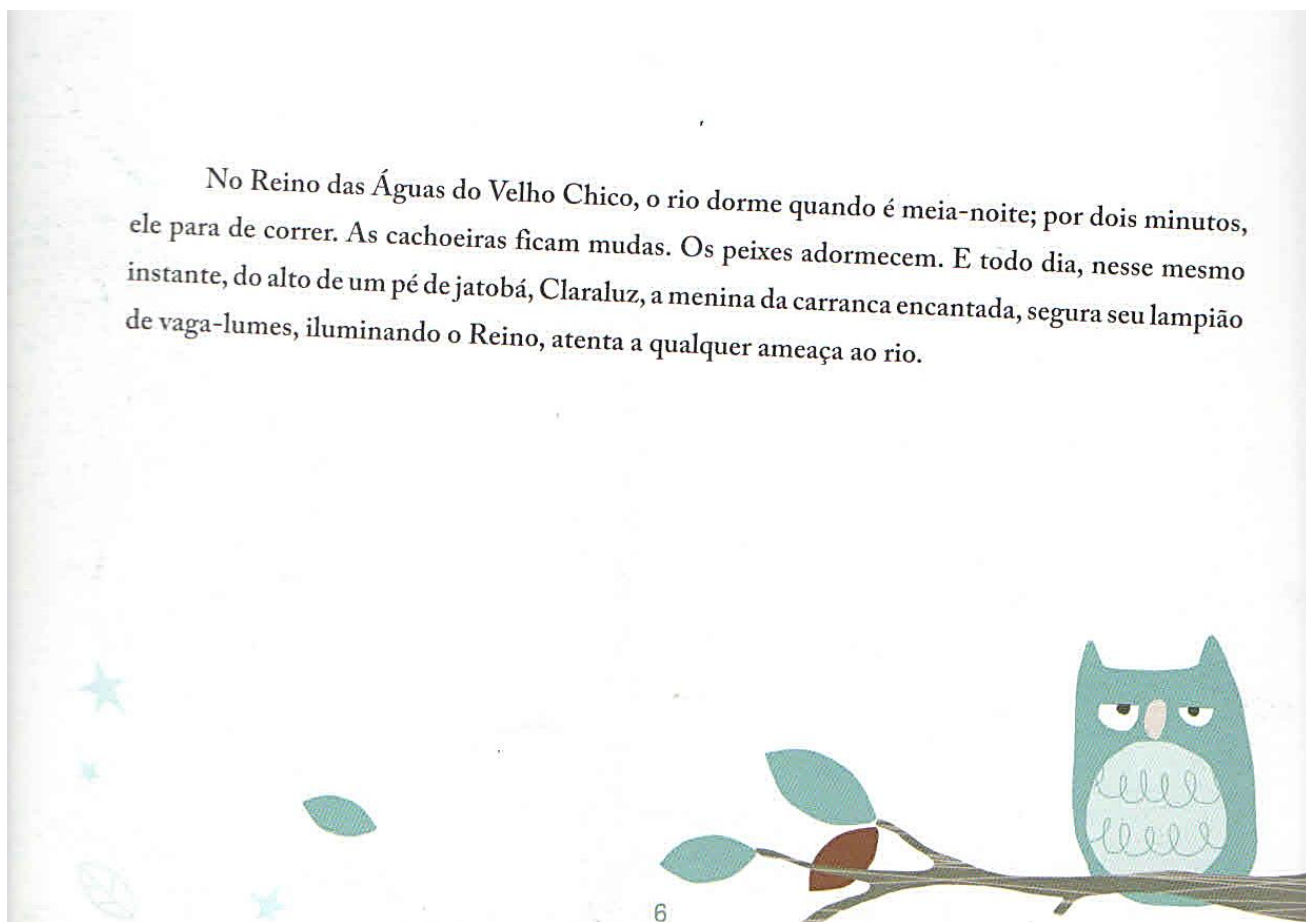
repercussão logradas pelo projeto do autor ao longo da história (de leitura) do texto. (MORTATTI, 2000, P. 15).

Além de ressaltar a importância do livro, enquanto mecanismo de ensino em sala de aula, julguei pertinente também reflexionar o uso dele em sala de aula, posto que essa é uma obra literária de grande potencialidade para o desenvolvimento infantil e de relevância crucial para desmistificar a relação do sertão com o resto do país.

## 2.1 O Mistério do Sumiço do Velho Chico

Tudo começou assim...

FIGURA 2: INÍCIO DO LIVRO



O livro conta a história de Claraluz e do seu esforço para preservar o Velho Chico, como é tão carinhosamente chamado por todos. A trama inicia quando Claraluz percebe que o Rio havia sumido e, em seu lugar, só havia peixes desesperados lutando para sobreviver em meio a muita poluição.

FIGURA 3: CLARALUZ ENXERGA A SUJEIRA DO VELHO CHICO



Além de problematizar a poluição do rio, a autora do livro consegue dialogar com várias temáticas diferentes presentes na mesma história. Ela apresenta peculiaridades do cenário nordestino e sertanejo, além de fecundar o imaginário infantil a respeito da fauna, flora e das lendas que encantam o fabuloso mundo da imaginação.

Abaixo segue um fragmento do livro “O Mistério do sumiço do Velho Chico”, que demonstra um pouco da riqueza da nossa terra, em forma de história infantil, que, ao passo que encanta os ouvidos do interlocutor, apresenta um cenário maravilhoso e riquíssimo, mostrando a beleza local, as árvores regionais e figuras lendárias.

Epa! De repente, tudo parou: estalos vindos do chão balançavam a ilha, e, como num passe de mágica, árvores iam surgindo em volta dos ribeirinhos reunidos. Era uma cena fantástica! Pipocavam do solo, já em seu tamanho adulto, as mais belas árvores sertanejas: pés de umbu, manga, jatobá, buriti, caju, araçá, goiaba, tamarindo, pinha, oiti, seriguela, romã, ingá, umburana, pau-d’arco, pau-ferro... E, à medida que as árvores apareciam, os bichos iam se acomodando em seus galhos.

Era assim no Rodeadouro. Coisas dessa natureza sempre aconteciam quando se tratava de proteger o Chicão. Diz-se que era lá que vivia o Nego-D’água, um menino travesso que costumava castigar os que maltratavam o rio. Todavia, também era um sábio generoso e bolava feitiços surpreendentes, deixando as pessoas espantadas. Dizem os ribeirinhos que o viram certa vez afundando um vapor gigante que havia aparecido em plena piracema, com redes enormes numa pescaria clandestina. A ação ilegal fora desmontada pelo Nego-D’Água num piscar de olhos. Os pescadores nadaram até a margem e de lá descreveram que viram uma criatura parecendo um menino, preto feito carvão, cheio de escamas, gritando para eles: “Fora! Na piracema, nada de pescar com rede!” Depois disso mergulhou e sumiu. (LACERDA, 2013, p. 17)

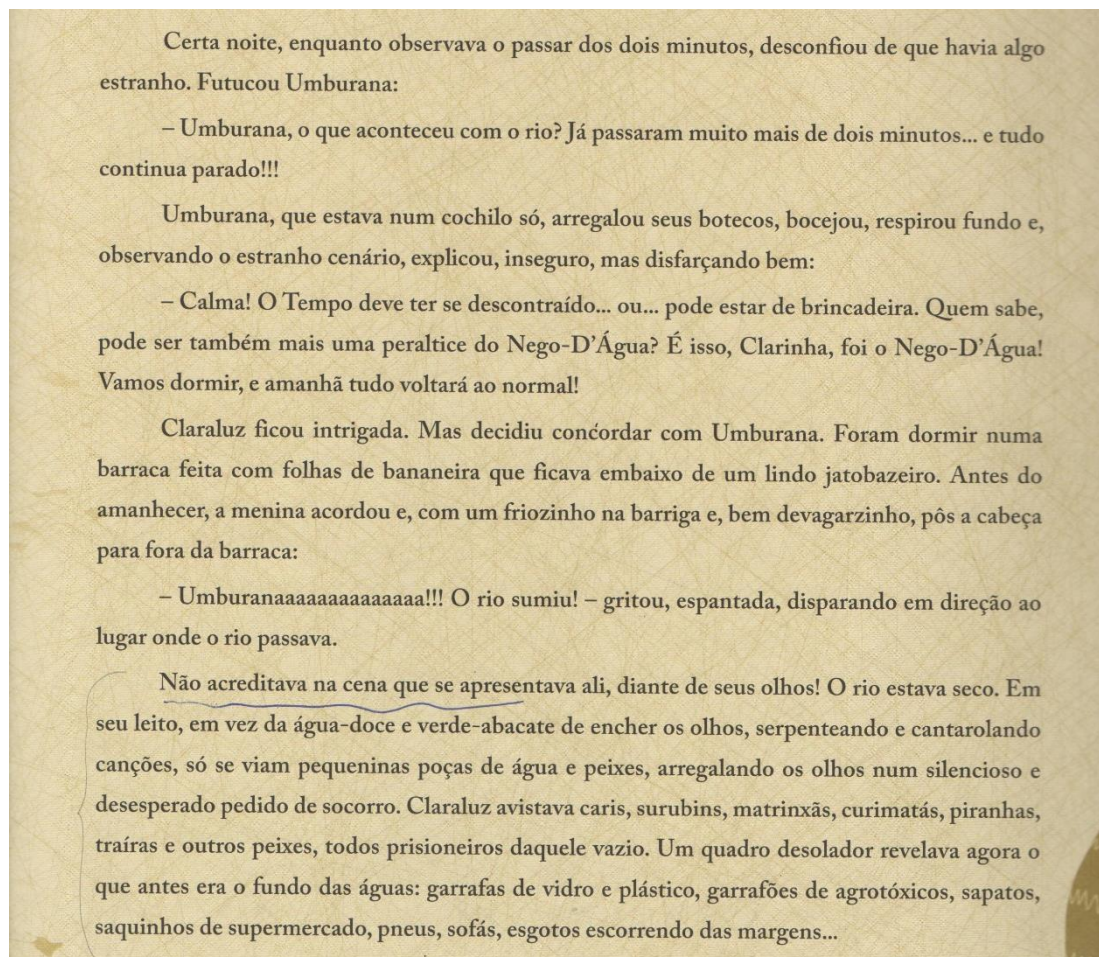
As árvores regionais apresentadas nesse fragmento são apresentadas à criança por meio de desenhos e enredadas numa história encantadora. O livro relata que, no reino das águas do Velho Chico, o rio dorme quando é meia-noite por dois minutos. As cachoeiras ficam mudas, os peixes adormecem. E todos os dias, nesse mesmo instante, do alto de um pé de Jatobá, Claraluz, a menina da carranca encantada, protagonista da história, segura seu lampião de vaga-lumes, atenta a qualquer ameaça ao rio.

A história segue contando que, nesse dia fatídico, o rio não voltou ao seu curso normal. Por conta disso, a menina desconfiava que pudesse ser alguma peraltice do Nego-D’Água. Então, resolveu dormir um pouco, contudo, quando acordou:

Não acreditava na cena que se apresentava ali, diante de seus olhos! O rio estava seco. Em seu leito, em vez da água doce e verde-abacate de encher os olhos, serpenteando e cantarolando canções, só se viam pequeninas poças de água e peixes, arregalando os olhos num silencioso e desesperado pedido de socorro. Claraluz avistava caris, surubins, matrinxãs, curimatãs, piranhas, traíras e outros peixes, todos prisioneiros daquele vazio. Um quadro desolador que revelava agora o que antes era o fundo das águas: garrafas de vidro e

plástico, garrações de agrotóxicos, sapatos, saquinhos de supermercado, pneus, sofás, esgotos escorrendo das margens... (LACERDA, 2013, p. 11)

FIGURA 4: TRECHO DO LIVRO QUE NARRA O SUMIÇO DO RIO



Nesse fragmento, a autora consegue apresentar a diversidade de peixes pertencentes ao rio, ao passo que mostra uma realidade local. Uma situação que serve de alerta à ausência de práticas de sustentabilidade inerentes ao Velho Chico. Por meio de Claraluz e seu relato, podemos sentir tristeza com o descaso com o rio, com a natureza e a necessidade emergente de rever nossas posturas e prioridades.

A história segue com uma convocação de Claraluz aos demais para uma assembleia na Ilha do Rodeadouro, a fim de descobrir o que havia acontecido ao rio e encontrar uma solução.

Começaram a chegar os representantes de cada segmento. Num vapor, uma embarcação com uma enorme carranca fincada na proa. Vinham os vaqueiros Lelé, Pião e Bebê; o vapozeiro Erni; as lenhadoras Iaiá, Mariquinha e Noquinha; os lenhadores Roque e Samambaia; os cantadores Pedrosa, Maté e Macié; os barqueiros Manoel e Celestino; as rezadeiras Cacá, Lelê, Maria e Juju.

Depois, chegou o segundo vapor, puxado por sete bois da cara preta. Traziam representantes das tribos Cariri, Caiapó, Truká, Caeté, Ubirajara, Tupinambá, Tapuia, Vermelho e Amaiporá. (LACERDA, 2013, p. 16)

No recorte acima, a autora consegue, numa mistura de ficção e realidade, apontar nomes de pessoas locais que têm alguma relação com a cultura da terra, além de introduzir figuras como a carranca, um monstro que espantava maus espíritos, ajudava para que a embarcação não afundasse, livrava das tempestades e atraía muitos peixes.

Outro fator importante no trecho acima é a inserção de noções básicas de política, onde acontece democraticamente uma assembleia popular para decidir como resolver o problema do sumiço do rio. Essas noções são fundamentais para a compreensão da democracia, da necessidade de ouvir as opiniões e discutir ideias, a possibilidade de resolução de problemas de forma coletiva, com a intenção de criar um mundo melhor.

O livro segue fazendo uma viagem pela região do Vale do São Francisco, apresentando a cultura local de forma muito criativa e interessante. Culmina com a descoberta de Claraluz, que a serpente da Ilha do Fogo havia promovido esse cenário para castigar as pessoas que não valorizavam o Chicão. Como segue no excerto abaixo, no qual o Nego d'água narra sua conclusão:

Acreditem, eu vi a Serpente fugindo com o rio na barriga! Nunca falei mais sério, não temos tempo a perder! Vamos, temos que agir rápido. Se a serpente fugir com o rio, nosso Reino morrerá de sede e sumirá! Presumiu o menino, desesperado e quase chorando.

É, dava para ver que o Nego-D'Água falava sério. E foi aí que Claraluz tranquilizou a assembleia, pedindo que a ouvissem: Vamos cercar a serpente! Os animais do ar saem imediatamente para localizá-la e deverão enviar sinais para o vapor de rodas que segue o curso do rio em direção às Pedrinhas. Os bichos mais velozes cortam pela caatinga, e eu vou com o urubu-rei, articulando as coordenadas de cima. Atenção, ribeirinhos! À luta!

E partiram para a batalha com a serpente da Ilha. (LACERDA, 2013, p. 27)

No encontro, a serpente deixa claro seu ponto de vista com ralação a toda essa confusão.

O rio já está quase... quaaaaaaase destruído! Ou vocês não repararam na lixarada no leito? Nos agrotóxicos jogados diretamente no Chicão, envenenando a vida da água... Não viram isso? Não sentiram a falta da mata ciliar? O rio está assoreado de fio a pavio! E os esgotos vergonhosamente jogados lá dentro! É isso que eu chamo de destruição! Vocês estão matando o rio! Pois agora vou dar uma lição em vocês! A minha ira é tão grande, que dentro dela coube o rio todinho! Vou-me embora morar no marzão e levo comigo o Chicão!

O tempo ficou nublado. Tudo e todos murchavam de vergonha! Pois é. Ninguém tinha parado para pensar nessa situação sinistra. Não é que a serpente chamou a atenção para a verdade? (LACERDA, 2013, p. 30)

### FIGURA 5: TRECHO MOSTRANDO A INDIGNAÇÃO DA SERPENTE COM O DESCASO DOS HUMANOS COM O VELHO CHICO



No fragmento acima, é possível enxergar as fraquezas do rio em decorrência da ação humana. Fato que serve de alerta à situação de degradação ambiental e à necessidade de mudança de hábitos e maiores cuidados.

Durante a conversa com a serpente da Ilha do Fogo, aconteceu um fato intrigante, houve um momento de introspecção e reflexão das práticas cotidianas dos ribeirinhos e da população em geral. Esse momento foi crucial na história, pois encoraja a criança, enquanto leitora, à introspecção e à necessidade de reconhecer seus próprios erros.

Apesar do enraivecimento da serpente, a conversa foi muito produtiva, pois, numa análise feita pelos partícipes, detectou-se que os mesmos não eram os responsáveis diretos pela degradação do rio, pelo contrário, lutavam em defesa do mesmo. Porém, reconheceram que havia a urgência de revitalização do rio.

Depois de um acordo com a serpente, todos que estavam presentes na assembleia se engajaram num processo de revitalização e mudança de hábitos, a fim de que a serpente voltasse atrás na sua atitude.

Essa tática funcionou depois de muita negociação com a serpente. Todas as personagens envolvidas na história conseguiram reverter a situação, com a ajuda dos prefeitos das cidades ribeirinhas, que sancionaram leis severas punindo quem poluísse o rio. Com o engajamento dos ribeirinhos, das tribos locais e de todos os animais que participaram da assembleia, o rio voltou ao curso normal.

À meia-noite, o rio dormia por dois minutos, como sempre acontecia. A menina Claraluz segurava seu lampião de vaga-lumes, protegendo o Velho Chico. Desta vez, passando os dois minutos, o rio continuou a correr. Claraluz lavou seu rosto e bebeu água fresquinha e cristalina. Dormiu ao som do canto da coruja Currucutu e sonhou brincando de amarelinha com as crianças.

O Reino ganhou sua paz, e o Rio São Francisco ganhou seu merecido respeito e amor verdadeiro dos ribeirinhos e de todas as pessoas. (LACERDA, 2013, p. 47);

FIGURA 6: TUDO SE NORMALIZOU NO REINO ENCANTADO DO VELHO  
CHICO



Ao apresentar uma diversidade de peixes, árvores e um trajeto de navegação que vai até o município alagoano de Piaçabuçu, onde o Velho Chico encontra o oceano, o livro apresenta uma oportunidade de desmistificar a cultura estereotipada do sertão da seca e da fome, tão disseminada pela mídia, pela arte, pela literatura e pelas redes sociais, pois é a chance de mostrar que a seca do nordeste não está presente em toda a região, que há, inclusive, muitos lugares em que predomina uma paisagem verde durante todo ano.

É indispensável que as discussões inerentes ao Nordeste brasileiro estejam presentes nas deliberações pedagógicas, a fim de refletir acerca dos estereótipos criados e reproduzidos pela maioria sobre o sertanejo. Para Albuquerque (2011), o estereótipo não é apenas um olhar ou uma fala torta, mentirosa. Ele é uma fala produtiva com dimensões concretas e se materializa ao ser subjetivado por alguém.

Esse cenário apresentado constantemente pela cultura midiática produz efeito e cria discursos. Para Martins (2006), as áreas semiáridas do Nordeste têm sido marcadas pela geografia da fome, da seca e da insustentabilidade econômica, deturpadas e apropriadas pela mídia em tempos de seca, principalmente.

Reconhecer a existência de uma “região pobre” dentro de um país é reconhecer as disparidades econômico-sociais de um determinado espaço geográfico submetido à dinâmica da acumulação capitalista. “A problemática regional” do semiárido é um produto sociocultural das disparidades geográficas no processo de desenvolvimento econômico capitalista. (MARTINS, 2006, p. 27)

Frente a um cenário nacional e internacional que ratifica a ideia de um Nordeste seco e improdutivo, o livro aparece como um bálsamo, uma forma criativa, divertida e instigante de trabalhar a subjetividade das lendas da região, mas, sobretudo, uma opção para apresentar uma discussão acerca dessas peculiaridades sertanejas.

Diante disso, a formação docente precisa preocupar-se com a realidade local, com o contexto do professor, do aluno, com os debates voltados para questões de interesse social, regional, além dos diversos enfoques direcionados as questões teóricas e práticas que norteiam o trabalho dos educadores.

Considerando a riqueza cultural presente na região do vale do São Francisco, é essencial que essa temática esteja presente na formação docente e nas escolas da região, de modo que, na prática seja comum abordar lendas, causos, a história do Velho Chico, sua criação, irrigação, navegação, além de toda subjetividade poética inerente ao rio que possa auxiliar na aprendizagem infantil.

Diante disso, o livro apresentou mais uma possibilidade de reflexionar na escola o fortalecimento da consciência ambiental, crítica e fortalecedora da realidade, ou seja uma literatura que vai além do estético.

### **3. ROTA METODOLOGIA – UM TRAJETO PERCORRIDO PELA PESQUISA COLABORATIVA À INVESTIGAÇÃO-AÇÃO**

Toda dor pode ser suportada se sobre ela puder ser contada uma história.  
Hannah Arendt

Minha intenção inicial foi desenvolver uma pesquisa que pudesse contribuir na formação docente na área de contação de histórias. A ausência de livros paradidáticos que trabalhassem temáticas relacionadas a região do São Francisco me levou a desenvolver o objetivo geral, investigar a contação de história na prática docente de duas professoras, tendo como suporte o livro “O mistério do sumiço do Velho Chico”. Quanto aos específicos, estes foram: analisar a linguagem, os aspectos temáticos e estéticos do livro em questão; formar as professoras para trabalhar o livro em sala de aula e verificar os eventos de contação num processo de intervenção pedagógica que enfatiza a construção de saberes no local de trabalho.

Essa pesquisa partiu de dois pressupostos básicos. O primeiro sobre o papel da pesquisadora, adentrar na realidade a ser estudada e se integrar nos modos de produção da realidade. Insere-se na tendência de investigação que valoriza a formação contínua como desenvolvimento pessoal e profissional, conforme perspectiva teórica desenvolvida recentemente por e Perrenoud (2007), considerando o professor como um profissional crítico-reflexivo.

O segundo pressuposto, sobre o papel das professoras, o de que, por meio da reflexão colaborativa, tornem-se capazes de problematizar, analisar e compreender suas próprias práticas, de produzir significados no seu local de trabalho e conhecimentos que permitam orientar o processo de transformação de conhecimento gerando mudanças na cultura escolar, crescimento pessoal, compromisso profissional.

A pesquisa envolveu duas professoras. A primeira de uma escola municipal e a segunda de uma escola particular, ambas localizadas na cidade de Sobradinho-BA, sendo realizada em uma semana de observação e participação. A metodologia utilizada foi caracterizada inicialmente como uma pesquisa-ação (THIOLLENT, 1994), (TRIPP, 2005) ), a qual, no decorrer do processo, configurou-se como pesquisa colaborativa (ZEICHNER, 1998).

A pesquisa colaborativa se articula a projetos cujo interesse de investigação se baseia na compreensão que os docentes constroem, em interação com o pesquisador, acerca de um aspecto da sua prática profissional, em contexto real. Em consequência, o papel do pesquisador, articula-se essencialmente em função de destacar e orientar o entendimento construído ao longo da investigação. Em acordo com Zeichner (1998, p. 223), “a pesquisa colaborativa é um importante caminho para superar a divisão entre acadêmicos e professores”.

Além da pesquisa colaborativa, também recorri à pesquisa-ação que, segundo (TRIPP, 2005, p. 445), “é principalmente uma estratégia para o desenvolvimento de professores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos.”

A relação entre pesquisa-ação e pesquisa colaborativa possibilitou apontar uma pesquisa que investigasse a formação docente. As discussões mais aprofundadas sobre a natureza desta pesquisa serão tratadas posteriormente ainda neste capítulo.

### **3.1 GERAÇÃO DE DADOS DA PESQUISA**

#### **3.1.1 RELATO DA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA**

A primeira experiência de formação de professor para apresentação e demonstração do livro “O mistério do sumiço do Velho Chico” aconteceu em uma escola municipal em Petrolina – PE para um público de oito professores, a fim de introduzir o livro em questão e reflexionar a contação de história, assim como sua aplicabilidade em sala de aula.

De início, entrei em contato com a diretora da escola, apresentei a proposta da pesquisa, na oportunidade, aproveitei para reunir algumas informações, quantidade de professores, filosofia da escola, entre outras. Informalmente, ela disse que teria disponibilidade uma vez por mês, já que esse dia seria destinado para formações e ela estava feliz, pois já teria a garantia de uma formação para um dia. Combinamos, então, que eu teria um dia para ministrar a oficina com os professores.

Ao retornar à escola, dessa vez em contato com a coordenadora, o tempo de duração da oficina foi reduzido para uma manhã devido ao surgimento de outras necessidades da escola. Considerei pouco tempo, mas dadas as circunstâncias, não tive como contra-argumentar. Aceitei ministrar a oficina para um público de oito professores, a fim de apresentá-los o livro e formá-los para aplicá-lo em sala de aula, visto que os professores não trabalhavam com contação de história, pois, de acordo com as informações que recebi, quando acontecia um evento de contação na escola sempre vinha um convidado contador para a realização do mesmo.

Ao chegar à escola para ministrar a oficina, a coordenadora disse que eu teria apenas das oito às dez da manhã para sua realização, já que elas estavam com muitas demandas e meu tempo havia sido reduzido. Fique imensamente decepcionada, pois temi não ter dados suficientes para minha pesquisa. Porém, como um plano de contingenciamento, eu havia elaborado um questionário para aplicar aos professores e

analisar o livro coletivamente. Daí pensei em deixar para que eles fizessem em casa e retornaria posteriormente para pegar.

Apesar do curto tempo, entrei e me posicionei para começar a discussão. Quando o grupo de professores chegou, estavam todos carregados de atividades para fazer. Detectei a primeira dificuldade, a indisponibilidade do professor em participar integralmente de uma formação, visto que, durante a mesma, tive que concorrer arduamente com o curto tempo disponibilizado a mim para ministrar a oficina, tempo esse que a princípio seria um dia, foi reduzido a apenas duas horas, além de outros fortes concorrentes, as reflexões foram feitas ao passo que os professores corrigiam provas, preenchiam diários, recortavam papeis, liam outros materiais, enfim, as muitas demandas do dia a dia se sobrepuseram à necessidade de reflexionar a contação de história como mais um aporte para o ensino e a aprendizagem.

Apesar do cenário encontrado, iniciei a oficina problematizando a necessidade de uma formação continuada, coloquei-me como uma pesquisadora e professora da rede pública como eles, participe de muitos dos inúmeros problemas educacionais existentes no cotidiano do professor, pois eu também estava em sala de aula, na intenção de amenizar um problema mencionado por Perrenoud (2007), a desconsideração das práticas pedagógicas vigentes por parte do formador.

Durante anos o formador dizia-lhes o que era preciso fazer sem perguntar o que eles faziam. De outra parte, de forma menos prescritiva, expunha novos modelos, esperando que os profissionais os adotassem e implantassem em suas classes sem levar em consideração a distância entre as práticas vigentes e as inovações propostas. (PERRENOUD 2007, P. 21)

Assim, tentei evitar cair nessa cilada. Abri espaço para uma escutatória e os incentivei a falar quais eram as dificuldades encontradas por eles para não contar história em sala de aula e não ter essa ferramenta agregada ao ensino.

Um momento que me chamou atenção foi um discurso coletivo que eles fizeram ao contar muitos casos em que as famílias se ausentavam das suas responsabilidades e as colocavam na conta dos professores. Estavam todos sobrecarregados de atividades, acharam-se cumpridores de papéis que não cabiam a eles, enfatizaram que eram psicólogos, enfermeiros, pais, cuidadores, entre outros, e estavam chateados com o sistema.

Os professores apresentaram algumas dificuldades encontradas por eles para não contar histórias. A voz baixa, a dificuldade em imitar personagens, a falta de tempo, o mal comportamento das crianças, a falta de jeito com cenários para contar histórias, as limitações pessoais apontadas por eles foram muitas.

Depois de muita discussão e de ouvir as falas dos professores inerentes ao comportamento dos alunos, dos pais e cuidadores das crianças, o momento foi interrompido pela coordenadora que interveio dizendo que aquele era um momento de formação e pediu que eu retomasse a oficina.

Sem questionar, dei sequência traçando um panorama do profissional reflexivo, à luz de Perrenoud, o qual aponta a necessidade de irmos além das conjunturas e alternâncias políticas, pois as dificuldades educacionais são muitas, mas é preciso destinar um tempo para estudo, discussão e reflexão para obtenção de êxito.

Na sequência, fiz um apanhado histórico da contação de história, desde sua origem, sua trajetória, o período de transição e adequação aos tempos modernos até sua chegada na sala de aula como mais um instrumento eficaz para a educação formal, além de ressaltar a importância dos contadores contemporâneos e as práticas de contação, dificuldades e facilidades.

Nesse momento, fui questionada sobre qual a minha visão acerca das mudanças modernas. Se eu achava que era correto mudar e se muitos dos nossos problemas na

educação não eram reflexo dessas mudanças e exigências contemporâneas. Para responder à questão que foi levantada, usei um exemplo das transições que aconteceram nas histórias infantis, por exemplo. Contos que, na época e no contexto que foram criados, eram uma realidade muito diferente da que temos hoje.

Citei alguns exemplos de contos clássicos como Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve, entre outros, que tiveram que passar por transformações para se adequar aos tempos modernos. Histórias de assassinato e estupros, por exemplo, que, na época, tinham uma conotação de prevenção, é inadmissível para o público infantil, pois há uma discussão político-pedagógica e moral acerca de tudo que ronda a criança.

Esse fato serviu para mostrar a necessidade de estarmos sempre em processo de transformação e adaptação às mudanças da contemporaneidade. É necessário refletir sobre a necessidade de assimilação das mudanças e passarmos por um processo de desconstrução de preconceitos estabelecidos há tempos e reconstruir posturas para lidar com nossos alunos, pois as mudanças são inevitáveis.

Por fim, apresentei fragmentos do livro em questão em forma de contação de maneira leve e descontraída mostrando na prática que não havia necessidade de inserir nada de novo ao cenário que tinha disponível naquele momento. Na sala de aula, com os recursos que eu tinha no momento, o livro, a voz e o corpo, mostrei que era possível assumir uma postura de contadora desobrigada de qualquer acúmulo de tarefa e usar apenas minha performance para contar.

Foto1: Oficina de contação O mistério do sumiço do Velho Chico



Fonte: Silva (2017)

Minha intenção era mostrar que a contação poderia ser feita na própria sala de aula sem necessariamente deslocar os alunos para outro lugar, nem montar um cenário especial para esse ato. Ao falar na simplicidade de contar uma história e mostrar que era possível fazer uma contação com poucos recursos, percebi que os professores se dispuseram mais a ouvir o que eu tinha a falar, pois compreenderam que eu não estava levando mais uma obrigação.

A partir desse momento, a discussão acerca da funcionalidade do livro fluiu. Justifiquei o motivo pelo qual havia escolhido o livro o mistério do sumiço do Velho Chico, um livro que trabalha com temáticas locais, lendas ribeirinhas, apresenta muitas noções de cidadania, geografia, política e cultura popular regional.

Assim, seria uma união perfeita para auxiliar no ensino e na aprendizagem. Os professores que ainda não tinham essa prática de contar história, demonstraram interesse em fazê-la. Ouvi depoimentos de que, nessa proposta a qual eu havia abordado, uma contação descompromissada de afazeres extras era possível acontecer.

Durante a escutatória, que aconteceu em todo o período da oficina, eu os deixava falar sempre que sentiam necessidade. Percebi que os professores demonstraram certa incredulidade em formações, pois, segundo eles, normalmente, essas formações não passavam de eventos e o próprio nome já dizia é vento. Trocadilhos à parte, em seus desabafos, eles externaram que essas formações não acrescentavam em nada prático.

Às dez horas, fui informada pela coordenadora de que meu tempo havia acabado. Finalizei a oficina fazendo um fechamento da ideia central da formação, que seria de o professor assumir uma postura de contador de história de forma simples e cotidiana sem haver, necessariamente, o uso de cenários ou roupas especiais, mas um hábito corriqueiro. Além disso, enfatizei, mais uma vez a necessidade, de trabalhar com livros que tenham uma abordagem contextualizada com o semiárido.

Por fim, entreguei os questionários para que os professores levassem para casa e, na semana seguinte, eu retornaria para recebê-los. Fizemos um lanche, nesse momento fui procurada para algumas conversas de cunho profissional e fui convidada para fazer uma contação de história com as crianças no dia das crianças. Dessa maneira, encerrei minha participação na escola.

Na semana seguinte, como havia combinado, retornei à escola para recolher os questionários que avaliariam o livro e outro que elas falariam um pouco sobre suas práticas e experiências com contação de história. Contudo, os questionários que recebi me deram respostas extremamente resumidas, sendo que a maioria se restringia a sim ou não, mesmo as perguntas que exigiam maiores observações.

Além disso, tive um grave problema no computador e perdi um capítulo inteiro que havia construído analisando os dados que coletei na oficina, as falas transcritas, as fotos e a filmagem. Enfim, estava sem dados para uma nova análise e os questionários que eu tinha não eram suficientes para seguir minha pesquisa.

Diante do exposto desolador, meu orientador e a necessidade me fizeram enxergar outra forma de coletar dados. Surgiu a ideia de acompanhar a prática de duas professoras específicas e formá-las para trabalhar o livro em questão. Numa corrida contra o tempo e os prazos, escolhi duas escolas, uma particular e uma pública, ambas situadas na cidade de Sobradinho-BA.

Sobradinho é um município brasileiro do estado da Bahia. Localiza-se a 09°27'19" de latitude sul e 40°49'24" de longitude oeste, a uma altitude média de 380 metros, ocupando uma área de 1238,923 km<sup>2</sup>. Sua população em 2010 era de 23.511 habitantes

A cidade de Sobradinho foi idealizada inicialmente para servir de acampamento aos trabalhadores que seriam necessários para se construir a barragem. Porém, após a construção, muitas famílias decidiram adotar o lugar como moradia e assim fixaram habitação na cidade em uma das suas vilas (São Joaquim, São Francisco e Santana).

Conhecido como a "terra da barragem" por abrigar a Usina Hidrelétrica de Sobradinho, o município possui o segundo maior lago artificial (espelho d'água do mundo) do mundo. O lago de Sobradinho é o grande reservatório de água do Nordeste, e através dele a Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (Chesf) regula a vazão de água do rio São Francisco.

## **3.2 AS ESCOLAS**

### **A PRIMEIRA: ESCOLA MARIA NILZA**

A escola possui 356 alunos matriculados, numa faixa etária entre 06 a 15 anos. O perfil socioeconômico da clientela é de baixa renda, sendo a maior parte dos alunos criados pelos avós, além de dependerem do programa da Bolsa Escola e da ajuda na aquisição de materiais escolares. Devido à rotatividade de moradia de algumas famílias, desemprego e trabalho na agricultura, há um fluxo constante de entrada e saída de estudantes.

FOTO 2: Escola municipal Maria Nilza



Fonte: LIMA (2017)

A Escola Municipal Professora Maria Nilza de Souza, hoje tem uma equipe gestora composta por cinco profissionais. A referida escola funciona com a modalidade de Ensino Fundamental I, nos turnos matutino e vespertino. De acordo com a gestão, um dos problemas que dificulta a gestão administrativa e pedagógica é o número excessivo de alunos por sala, que prejudica o processo de ensino/aprendizagem. Sendo assim, deveríamos considerar o número de 25 alunos no 1º e 2º anos, 30 alunos no 3º e 4º anos e 35 alunos no 5º ano. No decorrer do ano letivo, por determinação jurídica, vários alunos são matriculados, aumentando ainda mais o número de alunos por sala.

A comunidade discente é composta, em maioria, por famílias carentes. Trata-se de uma comunidade de classe social média baixa, onde um número significativo das crianças reside e/ou são criados apenas com uma das partes dos pais ou ainda pelos avós. As condições de moradia são degradantes e inadequadas, em razão de vários fatores como: espaço restrito para quantidade de membros da família, a própria casa sem o mínimo de estrutura, dentre outros, sendo o socioeconômico, o mais fragilizado deles, sendo esse também responsável pela alta taxa de imigração registrada.

### **SEGUNDA: ESCOLA RECANTO**



FOTO 3: Escola

Recanto

A escola Recanto fica localizada na Vila São Francisco e funciona há cerca de treze anos. O corpo discente é composto por 300 alunos e constituído basicamente por estudantes de classe média e alta. Os alunos dessa escola são filhos de comerciantes

locais, vereadores, prefeito, professores, policiais, funcionários da CHESF (Companhia Elétrica do Vale do São Francisco), entre outros.

O quadro docente é composto por 22 professores. Na referida escola, funciona ensino infantil e fundamental I, no turno da manhã, e fundamental I e II, no turno da tarde.

### **3.3 DA PESQUISA COLABORATIVA À PESQUISA-AÇÃO**

A caminhada percorrida e a relação entre a pesquisa, a pesquisadora e o orientador foram essenciais para perceber que havia um viés de pesquisa colaborativa sem renunciar a pesquisa-ação.

Para explicitar a pesquisa-ação e colaborativa, retomo dois objetivos da pesquisa, formar as professoras para trabalhar o livro em sala e verificar os eventos de contação num processo de intervenção pedagógica que enfatiza a construção de saberes no local de trabalho, além dos dados de campo. Procedi em uma análise cruzada com as características da pesquisa colaborativa, apresentadas por Zeichner (1998), Tripp (2005) e Thiollent (1994), quando se expõe as características, os objetivos e os aspectos próprios da pesquisa-ação e da colaborativa.

Esperavam-se, como resultado da colaboração, mudanças pedagógicas que produzissem valorização no seu local de trabalho, desenvolvimento profissional e pessoal e práticas organizacionais que inserissem a contação de história com temáticas inerentes a culturas da região do Vale do São Francisco. Os caminhos metodológicos adotados permitiram uma convivência negociada ao longo do processo e podem ser sintetizados como segue:

- Encontro com as gestoras das escolas;
- Definição das professoras colaboradoras;
- Encontros e processo formativo das professoras;

- Análise do livro “o mistério do sumiço do Velho Chico” com as professoras contadoras;
- Elaboração e realização dos eventos de contação;
- Pós-contação: o dia depois da história.

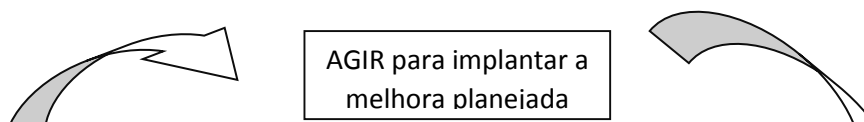
Analisando o movimento da pesquisa colaborativa nos eventos de contação, foi possível também configurá-la como uma pesquisa-ação a partir de seus pressupostos. (Thiollent, 1994) e (Tripp, 2005).

Sobre as características da pesquisa-ação, trata-se de uma intervenção no sistema pesquisado, envolvimento dos sujeitos da pesquisa na mesma, mudanças seguidas de ação, a partir da reflexão, conforme os autores. As professoras assumiram a responsabilidade de ministrar um evento de contação de história tendo como suporte um livro que abordava temáticas relacionadas ao sertão, sua geografia e subjetividade.

Para Tripp (2005), é essencial que se reconheça a pesquisa – ação como um dos inúmeros tipos de investigação – ação que trata de um termo usado em qualquer processo que obedeça a um ciclo no qual se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigar a respeito dela. “Planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhora da sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação.” (TRIPP, 2005, p. 446). A seguir, apresentamos uma figura que mostra a representação do ciclo básico da investigação – ação:

FIGURA 7: Representação em quatro fases do ciclo básico da investigação – ação.

ACÃO



## ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA-AÇÃO

*Thiollent (1994, p. 52) aponta alguns aspectos que configuram a pesquisa-ação:*

- Há uma ampla e explícita interação entre pesquisadores e pessoas (professoras) implicados na situação investigativa;
- Dessa interação resulta a definição de prioridades dos problemas a serem pesquisados e das soluções a serem encaminhadas sob forma de ações concretas;
- Objetivo da investigação não é constituído pelas pessoas e sim pela situação social e pelos problemas de diferentes naturezas encontrados na situação;
- Objetivos da pesquisa-ação consistem em resolver ou, pelo menos, em esclarecer os problemas da situação observada;
- Há, durante o processo, um acompanhamento das decisões das ações e de toda atividade intencional dos atores da situação;
- A pesquisa não se limita a uma forma de ação, pretende-se aumentar o conhecimento dos pesquisadores ou o nível de consciência das pessoas e dos grupos considerados.

Analisando esses aspectos e usando-os como categorias de análise do processo até então desenvolvido, concluí tratar-se efetivamente de uma pesquisa-ação. Trata-se de um modelo construtivo-colaborativo: estratégia que, ao passo que ação e investigação são concebidas ao longo do processo investigativo, tentando oferecer respostas – mesmo que parciais – os problemas de pesquisa e informações são importantes para as tomadas de decisões em relação aos passos seguintes a continuidade do projeto.

Trata-se também de uma pesquisa qualitativa de natureza colaborativa, uma vez que este estudo tem a intenção de fortalecer a valorização do profissional reflexivo à luz de Perrenoud (2007), de valorizar o professor em seu local de trabalho Kleiman (2001), em especial as professoras contadoras que semeiam, hoje, as sementes da subjetividade da contação de história, extrapolando as fronteiras da sala de aula física.

Assim, pensar a formação docente para além das conjunturas sociais e políticas é essencial, valorizar o local de trabalho do professor, assim como a abordagem de temáticas locais que contribuam para a construção identitária das crianças, suas personalidades e autonomia.

Finalmente, o cruzamento entre a pesquisa colaborativa e a pesquisa-ação foi essencial para investigação realizada neste estudo que foi direcionado à formação docente para a prática da contação de história, tendo um livro específico como suporte. A percepção metodológica que apresentei acima possibilitou abarcar as demandas que surgiram durante toda a pesquisa e nos eventos de contação.

Assim, o processo de coleta de dados deu-se em forma de conversas, imagens, questionários, e não em números. Conversei, apresentei o projeto, o livro, ouvi as opiniões, dúvidas e intervenções e observei. Para minha segurança, apresentei o projeto ao Comitê de Ética e Pesquisa – CEP da UNEB, para, dessa maneira, com maior clareza, usar os nomes dos sujeitos participantes sem restrições.

Utilizei filmadora, máquina fotográfica e um bloco de anotações que me ajudou a lembrar de alguns detalhes que surgiram no decorrer da investigação. Mantive coerência com os dados recolhidos e as determinações inerentes a uma pesquisa qualitativa que possibilitou o uso de várias formas para a produção de dados.

Enfim, apontarei o próximo capítulo que traz os perfis das professoras contadoras e as respectivas descrições e análises dos eventos de contação realizados por elas.

#### **4. CONTADORAS DE HISTÓRIAS CONTEMPORÂNEAS – DOIS EXEMPLOS DE SEMEADURA**

“Há coisas que são mais que coisas. São coisas que nos fazem lembrar”  
Rubem Alves

Este capítulo trata dos perfis biográficos das professoras que participaram desta pesquisa a partir dos relatos e observações coletadas durante a pesquisa de campo, assim como os eventos de contação de história do livro o mistério do sumiço do Velho Chico realizados por elas. Para fins de organização, destaco que as categorias foram definidas da seguinte forma: a pessoa, sujeito da pesquisa, a história, identidade, a formação, as práticas de contação de história e as intervenções produzidas por elas.

#### **CONHECENDO A PRIMEIRA PROFESSORA CONTADORA**

Foto 4: Professora Anazélia contando história



Fonte: Lima (2017)

Anazélia Aguiar Campelo, nascida em 06/04/1967, em Bragança/PA, é professora estatutária do Ensino Fundamental -1º Ciclo na Escola Maria Nilza, situada na Vila São Joaúim em Sobradinho /BA. Cursista em Pedagogia /PARFOR pela Universidade de Pernambuco-UPE. Casada, mãe e avó, Anazélia tem a contação de história como hábito em sua casa, usando-a sempre na educação dos filhos e netos.

Sua relação com os livros e a literatura de cordel começou aos 28 anos quando, ao ficar viúva, com três filhos, desenvolveu uma relação de intimidade com a escrita, pois tudo o que sentia e acontecia, ela registrava num diário em forma de cordel.

Sua formação escolar foi tardia. Por questões pessoais, suas prioridades foram relacionadas à família e ao lar. Anos depois, a professora retomou os estudos, na época, a quinta série. Em 2000, concluiu o magistério e atualmente encontra-se em processo de conclusão de curso superior.

Em 2013, conheceu o programa PACTO-PNAIC, através do qual entrou em contato com a literatura infantil e se apaixonou por ela. Desse momento em diante, colocou a literatura infantil como prioridade para as ministrações de aula.

A professora tem uma desenvoltura natural em literatura, literatura de cordel e poesia. A proximidade com essas artes facilitou sua performance em sala de aula durante a contação. Apesar de a professora não se considerar uma contadora, ela é. De acordo com a professora, a contação é constante em suas aulas, inclusive ela afirmou que é uma prática cotidiana intitulada “momento deleite”.

Por se tratar de uma contadora de história que atua em sala de aula, decidi apresentar o livro em questão e observar um evento de contação inerente ao livro realizado por ela. Apesar de exercer essa arte em sala e utilizar outros livros, havia ausência de livros que abordassem temáticas locais em suas práticas de contação.

A professora já estava habituada a histórias maravilhosas, que trabalham valores importantes como honestidade e integridade, mas sem uma relação direta com a nossa região. Assim, pensei em agregar a esses valores, um tempero sertanejo especial, a inserção do livro em questão, a fim de aproximá-la mais ao cenário regional e apresentá-la outras possibilidades de contos.

Sobre os benefícios da contação, a professora aponta: *“Um dos fatores positivos o qual considero importante quando conto histórias em sala de aula, é saber que as crianças têm grande facilidade para aprender e uma curiosidade insaciável. Assim, posso utilizar as histórias para ensinar-lhes valores como: amor, amizade, lealdade, honestidade, respeito, solidariedade, modéstia, sinceridade, etc. Assim sendo, de um jeito simples e divertido, irão adquirir o conhecimento. Outro fator, é que, muitas vezes, a escola acaba sendo a única fonte de contato da criança com o livro”*.

## **PRIMEIRO CONTATO COM A PROFESSORA ANAZÉLIA**

O primeiro contato aconteceu na casa da professora. Durante uma visita, apresentei-me, expliquei os objetivos da pesquisa, falei da importância de tê-la como colaboradora e fiz algumas perguntas relacionadas à escola, à turma e os dias disponíveis para aplicação da pesquisa.

De imediato, a professora Anazélia foi extremamente delicada e prestativa, colocando-se inteiramente ao meu dispor. Apresentei-a o livro, falei sobre os objetivos da pesquisa, fiz um breve histórico da contação de história desde sua origem até a chegada em sala de aula como aporte pedagógico e fizemos uma análise rápida do livro. Deixei o livro com a professora e combinamos de começar a intervenção na semana seguinte.

Conforme o combinado, na semana seguinte, fui até a escola para dar início à intervenção. No primeiro dia, fui apresentada aos alunos e fiquei apenas como uma observadora. A aula correu normalmente como de costume. Num segundo momento, a professora mostrou o livro às crianças e disse que, no dia seguinte, haveria uma contação de história.

## **A CONTAÇÃO**

A importância de adotar a contação de história em sala de aula, que pretendo destacar nessa pesquisa, é a funcionalidade da mesma como uma prática pedagógica cotidiana, descompromissada de qualquer apetrecho ou ambiente formal para sua consumação. Destaco a importância das adjacências inerentes a qualquer tipo de contação, como roupas, acessórios, fantoches, entre outros, porém a indisponibilidade desses materiais se tornam um empecilho para sua aplicabilidade.

Foto 5: Disposição da sala



Fonte: Lima (2017)

A sala de aula foi apontada como uma das dificuldades encontradas pela professora para exercer a contação, visto que não tinha porta e havia sempre a necessidade de migrar de lugar com as crianças, pois havia muito barulho externo, o que atrapalhava a contação. *“Atualmente, a maior dificuldade encontrada, é a falta de uma porta em minha sala de aula. Sem ela, o cantinho de leitura ao qual exponho os livros de histórias, foi rasgado, a sala fica aberta o período todo e com isso, tenho que colocá-los quando entro e tirá-los quando saio. Mas, mesmo com essa dificuldade, não deixo de ler para meus pequenos.”*

Apesar das dificuldades encontradas pela professora, ela ainda demonstra resiliência em ler e contar para as crianças, fato que mostra uma relação de cunho pessoal com a leitura e o gosto pelas histórias.

Outra observação feita por ela foi a incapacidade de alcançar seus objetivos em 100% com os alunos. “*A turma gosta de participar, falar sobre a história que está sendo apresentada. Porém, é muito difícil atingir os cem por cento do alunado*”.

Para essa contação, a professora levou os alunos para uma sala reservada, colocou lençóis no chão e deixou que as crianças encontrassem um lugar apropriado e uma posição que melhor conviesse para cada um.

A professora iniciou apresentando o livro às crianças, falando da autora, do ilustrador, do título do livro, do que se tratava, e fez muitas perguntas relacionadas ao que elas já conheciam acerca das figuras lendárias que continham no livro: quem conhecia o Nêgo d’água, quem sabia a história da serpente da ilha do fogo, quem sabia quem era o chicão e por que ele tinha esse nome. Fez um trabalho de levantamento de conhecimento prévio anterior à leitura do livro. Algumas crianças já tinham ouvido falar no Nêgo d’água e na serpente da ilha do fogo, mas nunca por meio da literatura.

Foto 6: A professora fazendo um levantamento prévio do conhecimento dos alunos



Fonte: Lima (2017)

Foto 7: Apresentação do livro aos alunos



Fonte: Lima (2017)

Enquanto ela fazia uma conversação inicial sobre as impressões que eles têm sobre o rio, sobre as lendas, os índios, as crianças pediam o tempo todo para ver o que tinha no livro, as gravuras, cores, personagens. Pude observar, nesse momento, que a professora, de fato, tem prática com leitura e contação em sala de aula. Ela estimulou o debate, aguçou o interesse das crianças pela história que estava por vir, enfim, fez um processo preliminar da contação, o que é fundamental para obter êxito.

Em seguida, sentada no chão e próxima das crianças, começou a contar a história. Com a voz clara, uma ótima entonação, fator essencial para a compreensão e participação na história, e num volume apropriado ela foi envolvendo as crianças no enredo de modo que ela os interpelava sobre questões inerentes ao enredo.

O que será que iria acontecer na sequência? Será que havia sido o Nêgo d'água que havia feito o rio sumir? Eram algumas indagações usadas por ela para chamar a atenção das crianças. A professora contadora também conseguia extrair das crianças muitas perguntas, além de expressões fascinantes. Ao passo que falava do Nêgo d'água, por exemplo, como um menino treloso e muito esperto que era capaz até de virar embarcações, as crianças se deleitavam na história e faziam as mais interessantes perguntas. Algumas crianças falavam que já tinham visto o Nêgo d'água.

FIGURA 8: REPRESENTAÇÃO DO NÊGO D'ÁGUA



As narrativas provocam a imaginação, fonte de criatividade, incentivam o aprendizado e favorecem a aquisição de conhecimentos, senso crítico e construção da personalidade da criança, por meio do “faz-de-conta”, que proporciona a exploração da diversidade cultural e incentiva as relações de afetividade e envolvimento social. Daí a necessidade de inserir à realidade da professora um contexto local, com uma escritora local e uma abordagem regional com temáticas contextualizadas com o semiárido. Da mesma forma, uma história cativa e enriquece a atividade escolar, contudo alguns cuidados devem ser observados: a linguagem deve ser acessível, o enredo deve ser

previsível para a criança e propiciar a exploração do tema para facilitar a compreensão do texto (SOUSA, 2011).

Foto 8: A expressividade ao ouvir falar nas proezas do Nêgo d'água



Fonte: Lima (2017)

A história seguia com o rio parado e todos estavam preocupados com aquela situação. E depois de muita especulação, haviam chegado à conclusão de que a serpente, que se apresentou muito brava e com vontade de castigar a todos, havia aprisionado o rio para castigar as pessoas que não estavam cuidando do Chicão.

As informações passadas pela professora se misturavam às que as crianças tinham, pois elas conheciam a história da serpente e interrompiam o tempo todo dizendo coisas como: a serpente não fica apenas entre Petrolina e Juazeiro, ela fica até cinco cidades, falavam também que sentiam medo da serpente que tinha o cabelo amarrado ou ainda que

na rua em que moravam estava cheia desses urubus que estão na história, entre outras intervenções.

Esse fenômeno é bastante comum no meio infantil, isto porque, ao contar uma boa história, as crianças tendem a criar e recriar de acordo com suas realidades. Na contação, utilizamos esses acontecimentos para auxiliar na resolução de conflitos práticos como o medo, a dúvida e as incertezas diante de obstáculos que precisam ser ultrapassados.

Elas conheciam também os nomes de peixes e árvores que a professora contava na história. Alguns alunos até completavam as frases acrescentando outros nomes e dizendo que a professora havia esquecido de mencionar. Ao falar na piracema, a professora parou e explicou o significado da palavra. Um dos alunos disse que, quando chegasse em casa, iria avisar ao avô dele que estávamos no período em que não pode pescar.

Foto 9: O medo ao ouvir falar da serpente da Ilha do fogo



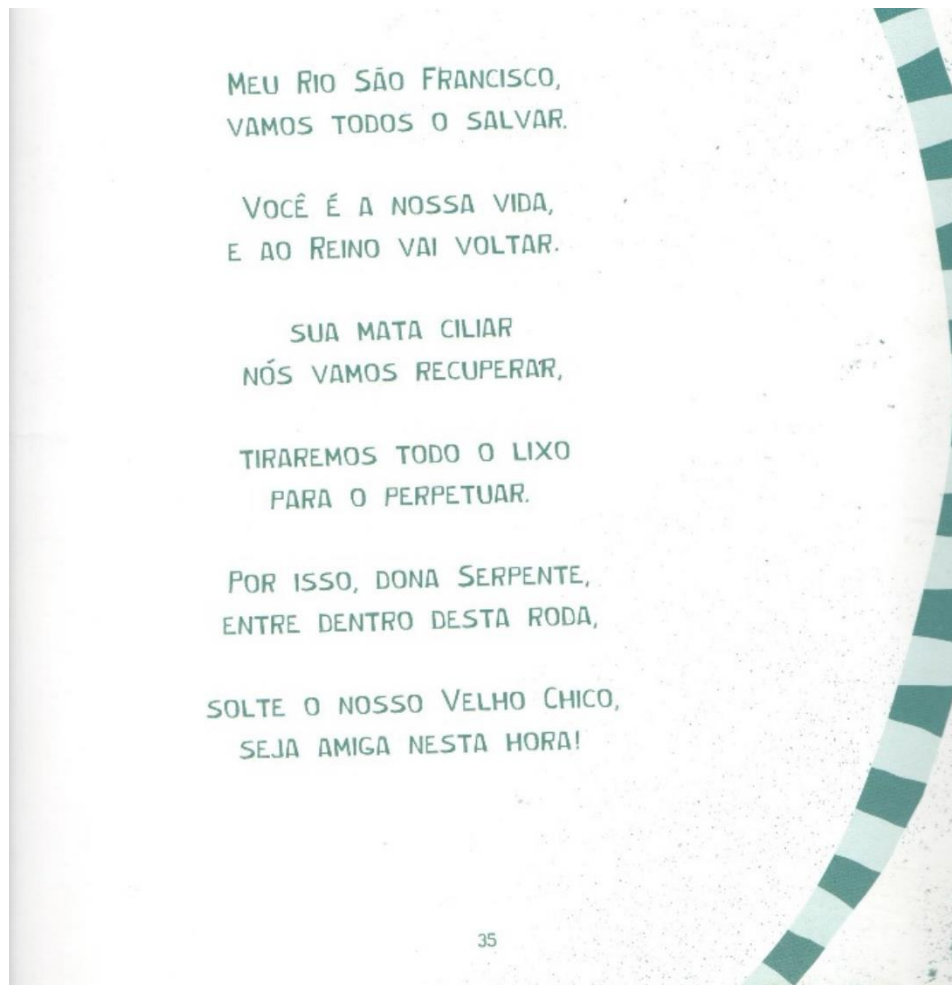
Fonte: Lima (2017)

O livro contém 47 páginas e a história, apesar de encantadora, é muito longa. O primeiro momento da contação durou cerca de 30 minutos. O horário já avançava e o intervalo estava próximo. Nesse momento, percebi que as crianças sentiam fome, já ansiavam pelo horário do lanche e a professora estava constrangida em parar a história, talvez pela minha presença em sala. Assim, sugeri que interrompesse a contação para o lanche e o recreio, porém, antes de liberar a turma, pedi que ela perguntasse às crianças: será que a serpente irá devolver o rio? O que será que vai acontecer com Claraluz? As crianças especularam muitas respostas num claro sinal de interesse pelo fim da história, então ela disse que, na volta do recreio, eles saberiam o final.

Vinte minutos depois, a turma regressou para a sala de aula, a professora fez cinco minutos de relaxamento e deslocou os alunos, mais uma vez, para a sala da contação para recomeçar a sessão. No retorno à sala, percebi que, apesar dos esforços dela para acalmar a criançada após o recreio, as mesmas estavam mais inquietas, porém curiosas para saber o final da história.

Ao reiniciar a história, a professora vestiu um avental com um nome: “Momento Deleite” e, dessa vez, fez a contação em pé, caminhando pela sala, tocando nas crianças, encenando de acordo com o que o livro sugeria. As intervenções das crianças aconteciam durante toda a oficina. Elas apresentavam soluções para castigar a serpente que havia roubado o rio e diziam o tempo todo o que elas fariam se estivessem naquela situação.

FIGURA 9: CANTIGA DE RODA PRESENTE NO LIVRO



Outra observação relevante que pude registrar foi a forma através da qual a professora encontrou para falar de diversos assuntos que apareciam na história. Sempre que apareciam oportunidades de entrar em outros assuntos, como a diferença entre o rio e o mar, poluição, mata ciliar, além de instigar a curiosidade deles aumentando o vocabulário, pois ela parava a história e perguntava o significado de algumas palavras.

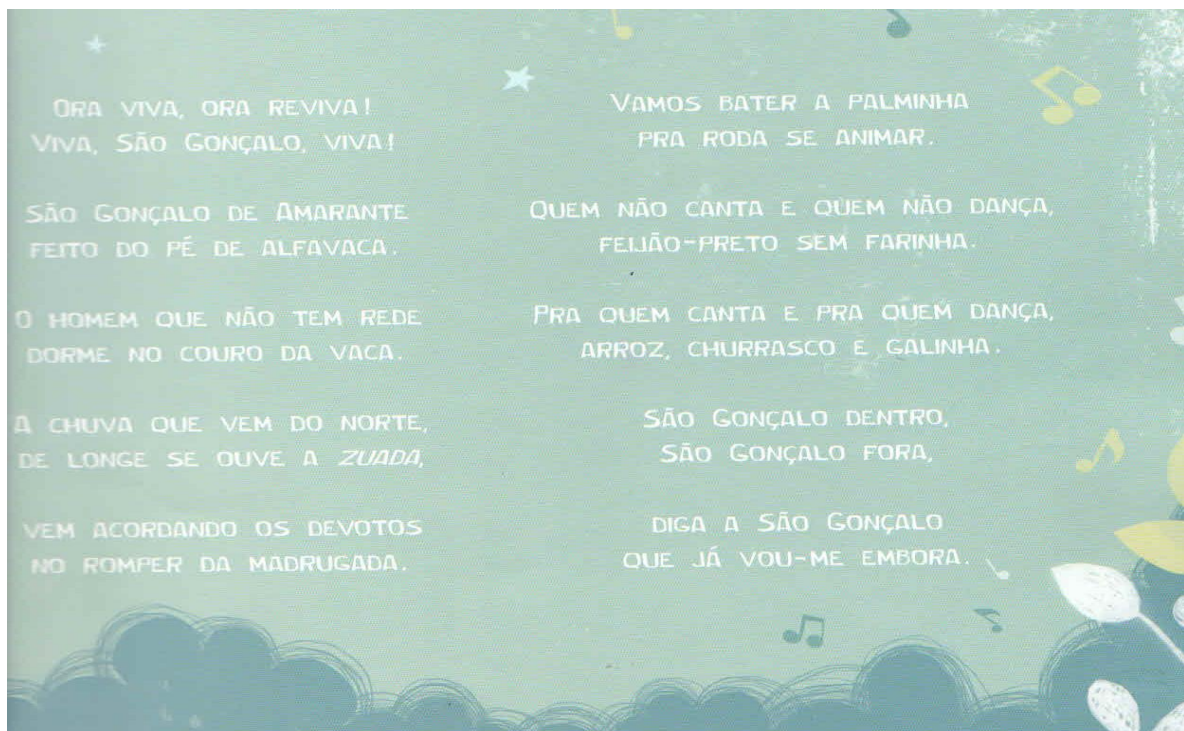
Foto 10: Anazélia cantando uma música de São Gonçalo



Fonte: Lima (2017)

Nesse momento, a professora entoou um canto de São Gonçalo que estava presente no livro e as crianças pararam para ouvir.

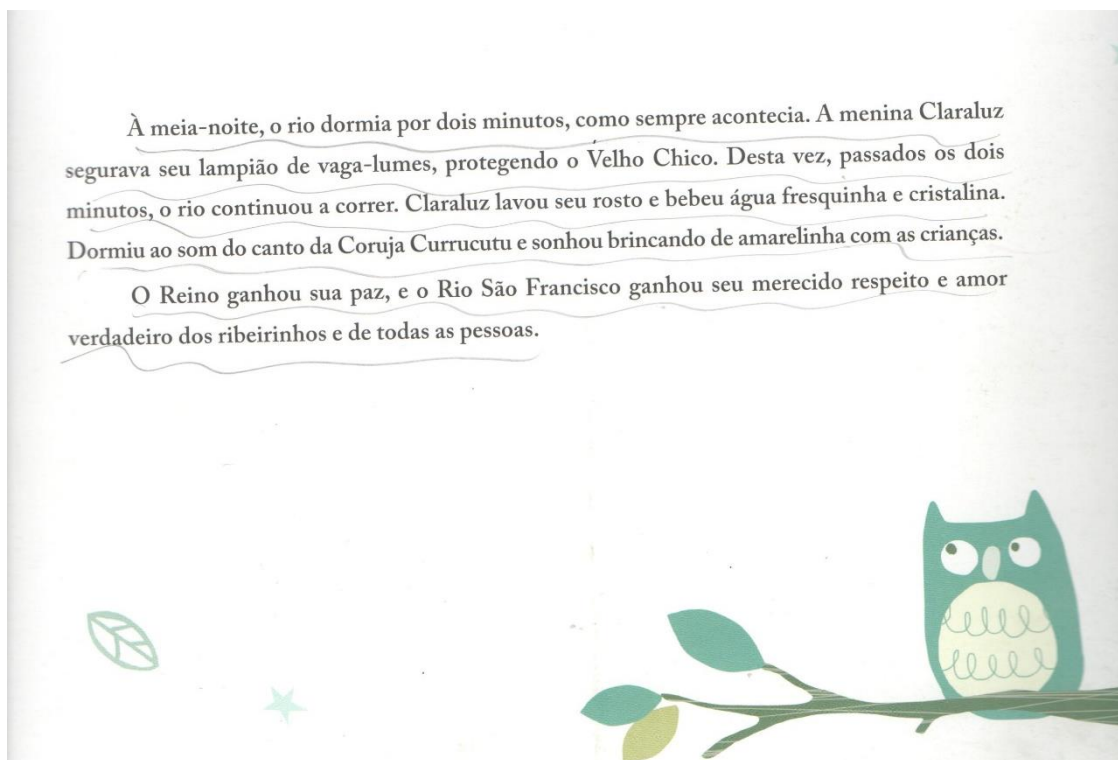
FIGURA 10: CANTIGA DE SÃO GONÇALO PRESENTE NO LIVRO



Apesar dos esforços da professora para concluir a contação, ao se aproximar do final, as crianças já estavam um pouco inquietas e ansiosas pelo encerramento da história. A professora também demonstrava um pouco de cansaço e comentou que o livro era longo, porém era uma história encantadora.

Ainda faltando algumas poucas páginas para acabar a história, a professora abreviou o final e encerrou a história, pois as crianças estavam dispersas. Nesse momento, ela fez algumas perguntas relacionadas ao livro e, rapidamente, encerrou o momento retornando à sala de aula.

#### FIGURA 11: FINAL DA HISTÓRIA



## O DIA DEPOIS DA CONTAÇÃO

Foto 11: Conversa com as crianças sobre as impressões delas acerca do livro



Fonte: Silva (2017)

Na semana seguinte à contação, retornei à escola, a fim de escutar o que eles tinham para falar sobre o livro. Gostaria de saber o que haviam conseguido compreender da história, das lendas, da mensagem que a autora quis passar sobre o rio São Francisco. Ao mostrar o livro e perguntar sobre o que eles lembravam da história e quem eram alguns personagens, eles prontamente responderam demonstrando o que compreenderam. Percebi que a maioria dos alunos era filhos de pescadores ou de pessoas que tinham relação com o rio e como a história havia mexido com a imaginação deles.

Nesse momento, enfatizei a necessidade da inserção de material didático e paradidático relacionados a uma educação contextualizada com a região. O conteúdo torna-se mais real, mais próximo do cotidiano da criança, criando uma relação mais intimista e tornando o aprendizado infantil carregado de sentido e significação, além de ampliar a capacidade de imaginação e convivência com a realidade local.

As narrativas ficcionais mais conhecidas como “histórias” exercem forte influência tanto na formação cognitiva como na afetiva e social da criança. Sejam na forma de antigas lendas, contos de fadas, histórias infantis ou parábolas bíblicas, independentemente do gênero, as narrativas de ficção valorizam e ampliam nossa capacidade imaginativa, desenvolvem várias habilidades e estruturas do pensamento, além de auxiliarem na construção de significados (DALCIN, 2002, p. 60).

Foto 12: Um bate papo gostoso sobre o livro



Fonte: Lima (2017)

Num bate-papo prazeroso sobre as lendas presentes no livro, o que eles acreditavam que era verdade ou mito, surpreendi-me com a capacidade de discernimento das crianças entre lendas e histórias verdadeiras. Eles faziam essa diferenciação, porém sentiam medo ao ouvir falar da serpente e do Nêgo d'água, por exemplo.

Ao concluir a fase da oralidade, a professora Anazélia deu sequência com algumas atividades relacionadas ao livro em questão. Trabalhou a escrita, pediu que eles escrevessem frases sobre o que tinham entendido da história e que fizessem também desenhos. A familiaridade da maioria dos alunos com o rio, a pesca, as lendas e a população ribeirinha, de certa forma, facilitou para que eles interagissem com a história,

pois, apesar do tamanho do livro e a densidade do conto, eles conseguiram assimilar o enredo e a mensagem principal.

Foto 13: Frases produzidas pelas crianças na semana da contação espalhadas por toda a escola



Fonte: Lima (2017)

Durante a semana da contação, as crianças produziram desenhos relacionados ao livro e retrataram o que elas acharam da história. Um fato importante detectado pelas crianças foi a preservação do rio e do ambiente. Apesar da convivência com rio, elas conseguiram extrair da leitura do livro a necessidade de enxergar o rio de forma mais ampla. Mencionaram os benefícios que o Velho Chico dá e o problema da seca que hoje Sobradinho enfrenta e que é gritante.

Fiquei encantada ao perceber a relação que eles conseguiram fazer entre um livro de lendas ribeirinhas e a problemática enfrentada pela população ribeirinha. Por exemplo, eles conseguem entender que o rio está cada vez mais seco, que seus pais ou avós precisam ir cada vez mais longe para pescar e até relataram medo de o rio realmente secar.

A semana que passei observando o evento de contação foi bastante produtiva, pois não se limitou a uma simples história contada na sala de aula. O evento perdurou durante toda a semana. Por meio de desenhos, conversas e frases criadas pelos alunos, percebi que a professora Anazélia explorou muito os aspectos do livro, desde a parte estética, a leitura da história, ampliação de vocabulário, os fatores culturais, aspectos geográficos e fenômenos naturais relacionados ao dia a dia daquelas crianças.

Frente ao objetivo que tracei para esse momento da pesquisa, orientar a professora para trabalhar o livro em questão, senti-me contemplada e observei que a professora realizou o trabalho com maestria, considerando que exercia contações de história, porém não tinha a prática de usar livros que abordassem temáticas locais, considerando também a profissional que ela é, sua relação com a leitura e outras artes, seu local de trabalho e as peculiaridades dos alunos que em um misto de mitos e verdades conseguiram reflexionar problemáticas reais.

Foto 14: Nossa senhora da rapadura



Fonte: Lima (2017)

Foto 15: Apelo a preservação do rio



Fonte: Lima (2017)

Para essa análise, adotei duas escolas de realidades diferentes, uma pública, com alunos que têm uma relação direta com ribeirinhos e outra escola particular, que, aparentemente, não tem uma relação direta com o rio ou com populações ribeirinhas. Quis confrontar essas duas realidades e observar a aplicabilidade de um mesmo livro em diferentes realidades. A seguir, apresento a segunda realidade, a escola particular.

### **CONHECENDO A SEGUNDA PROFESSORA CONTADORA: ANDRÉA CRISTINA**

Foto 16: Professora Andréa



Fonte: Lima (2017)

A professora trabalha na escola Recanto da rede privada, situada na cidade de Sobradinho-BA, em uma turma de 2º ano do ensino fundamental. Sua formação acadêmica foi tardia. Formada em pedagogia com pós-graduação em psicopedagogia, Andréa terminou a graduação com 43 anos e a pós-graduação com 45, pois casou-se aos 19 anos, aos 20 engravidou de gêmeos, e teve que trancar a faculdade que fazia na época. Dez anos depois, engravidou novamente e continuou a dedicar-se a família e ao lar. Enfim, depois de longos vinte anos, ela voltou a estudar e entrou na educação de vez. Se considera uma boa professora, apaixonada pelo que faz, acredita que faz a diferença na vida das crianças e se diz uma professora contadora de história, pois, para ela, as histórias estão em todas as situações, por mais banais que sejam, são histórias, uma ida a um supermercado dá uma história, um passeio extraclasse com as crianças dá uma história, enfim, a vida, segundo ela, é feita de histórias.

Andréa teve uma relação com os contos desde sua infância. Sua mãe era uma professora de história geral e do Brasil e uma contadora informal de quem ela adotou a contação na educação de seus filhos e também como prática pedagógica. A forma peculiar de a sua mãe contar causos, fê-la ser uma contadora, tal qual sua mãe, de forma natural e espontânea, desenvolvendo uma veia criativa e humorística. Sobre a prática docente de contação, a professora afirmou que percebe o encantamento que as crianças têm pelos contos e pelas histórias que ela usa para ilustrar suas aulas em muitas disciplinas, pois a mesma afirmou usar as histórias como prática corriqueira em todas as suas aulas.

Foto 17: Primeiro contato da professora Andréa com o livro



Fonte: Silva (2017)

O primeiro contato aconteceu numa conversa informal, embaixo de uma árvore, num momento de descontração. Nesse momento, apresentei o livro, expliquei os objetivos

da pesquisa, a importância da colaboração dela e a justificativa para a inserção do livro em forma de contação. Assim como a professora Anazélia, mencionada anteriormente, Andréa também não tinha experiência com livros paradidáticos que abordassem temáticas locais, ou seja, ela costumava contar histórias práticas do dia a dia, além de usar livros mais clássicos para a contação. Na sequência, fiz um breve histórico da contação, desde sua origem até a chegada em sala de aula, e conversamos um pouco sobre as experiências dela com a contação de história.

Ao ser questionada se se considerava uma contadora de história, ela disse que sim. Que utilizava a contação nas aulas porque as crianças aprendiam mais rapidamente, além de perceber que as mesmas viajavam num mundo mágico que só elas conheciam. *“Costumo sempre contar história nas minhas aulas, principalmente nas disciplinas de história, orientação humana, literatura, redação e artes. Quando eu conto histórias para ilustrar essas matérias, eu percebo que eles assimilam melhor, pois eles memorizam e visualizam a situação na mente, mexe muito com a imaginação”*.

A professora é um exemplo de que é possível aplicar técnicas de contação diária de forma simples e descontraída. Alegrei-me ao descobrir que ela já tinha essa postura em sala de aula. Para a professora, contar história é um processo natural, de modo que desenvolve essa arte espontaneamente e nem percebe que está contando história, possui uma desenvoltura natural que reflete no entendimento das crianças”. Para Prieto (2011, p. 204) “O ofício de contar histórias é um brinquedo mágico, misterioso e infinito. O contador de histórias desenha um caminho que vai dar no coração de quem o escuta”.

Na sequência, deixei o livro com ela para que pudesse se apropriar da história e marcamos para semana seguinte. A contação, por mais simples que seja, exige uma pequena preparação como afirma Sisto (2007, p. 41) “A arte de contar exige um fazer anterior, um preparo, um domínio prévio, um conhecimento, estudo, ensaio,

profundidade.” Para Ostetto (2000, p. 32), “o planejamento deve ser assumido como um processo de reflexão, de intencionalidade”.

## A TURMA

Foto 18: Turma do 2º ano da escola privada



A turma é composta de 22 alunos. Segundo a professora, nessa turma, ela não encontra dificuldade alguma para contar história, inclusive pratica essa arte diariamente. Além disso, ela ressalta a participação efetiva dos alunos nas sessões de história. *“Essa turma é muito participativa. Eles perguntam bastante, opinam, dependendo da história até se chateiam com personagens, interferem na história, sugerem formas de resolução de conflitos”*.

Sobre a efetividade da história, a professora apresentou uma aluna com deficiência intelectual como exemplo de experiência exitosa com contação de história na aprendizagem. *“Apesar das dificuldades enfrentadas pela aluna, ela consegue recontar*

*e reinventar a história em casa, por exemplo. Ela passa a semana falando no que ela aprendeu. Percebo a felicidade dos pais ao me contarem as proezas que ela faz em casa reproduzindo os contos que eu trabalho em sala. Fico feliz em saber que ela consegue aprender história do Brasil através da contação que costumo fazer”.*

Andréa apresentou alguns pontos que considera positivos ao utilizar a contação como aporte pedagógico: a participação na aula é constante e ela consegue fazer uma interação muito produtiva, percebe que há maior assimilação do conteúdo, as crianças conseguem fazer uma ponte entre a família e a escola através das histórias, pois ela relata muitos depoimentos de pais que são cobrados em casa pelos filhos a ouvir as histórias e participarem mais ativamente do que os pequenos estudam, percebe que as crianças se sentem mais motivadas durante as aulas e também para frequentar a escola.

## A CONTAÇÃO

Foto 19: Disposição da sala

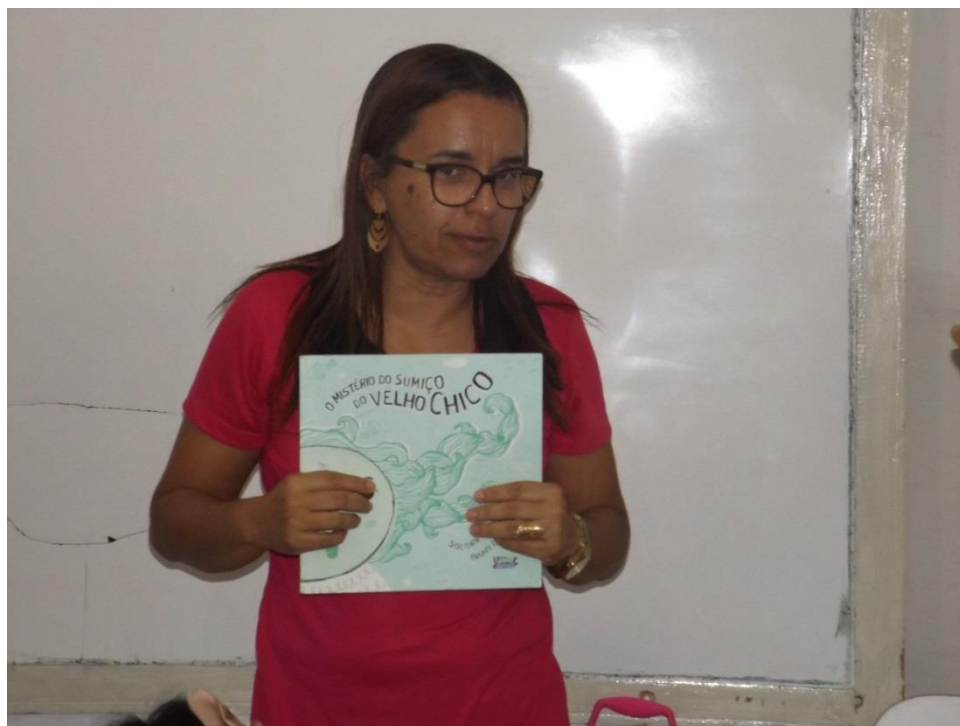


Fonte: Lima (2017)

A contação realizada pela professora Andréa ocorreu de forma totalmente diferente da outra professora. Com relação à disposição da sala, ela não modificou nada. Os alunos permaneceram nas cadeiras em fila e durante toda a escutatória, como de costume, nas aulas convencionais, além de as crianças permanecerem sobre o comando da professora durante todo o tempo em que ela esteve contando a história.

O tempo de duração da contação foi de uma hora e vinte minutos. Um tempo considerado muito longo para uma história, porém Andréa intercalou esse período com uma distribuição de pipoca, refrigerante e pirulitos, além de tempo para ir ao banheiro e beber água, considerando que a história era longa. À medida que ela pausava a história, perguntava o que eles estavam entendendo até aquele momento, além de explicar o que significavam algumas palavras que estavam inseridas no livro e que as crianças desconheciam, ela explicava as partes da história que por alguma razão havia ficado na dúvida.

Foto 20: A professora apresentando o livro



Fonte: Lima (2017)

As crianças interrompiam muito a história perguntando aquilo que elas não entendiam e contribuía com falas e outras histórias que conseguiam relacionar com o livro. Além de responderem sempre que eram solicitados pela professora. Durante toda a história, Andréa parava e perguntava sobre personagens do livro. Por exemplo: O que foi mesmo que a cobra fez? Por que ela estava tão chateada?

Foto 21: A curiosidade para ver o livro



Fonte: Lima (2017)

Apesar de a professora ter permanecido todo o tempo na frente da sala e não utilizar de qualquer outro recurso que não fosse o livro e sua voz, percebi que essa performance não atrapalhou em nada o entendimento das crianças e nem a participação e a expressividade das emoções sentidas no decorrer da história. Sobre isso, Sisto (2007) afirma que

A palavra na boca de quem conta é o próprio espetáculo, se com isso extrapolar-se a noção de cartilha. Se para isso o narrar, o comunicar, o dialogar, o atingir outrem, o suspender o tempo, o emocionar, estiverem conjugados de

modo a transformarem um texto em objeto duplamente estético. Estético na escrita, estético na passagem para a oralidade. Impacto estético antes, durante e depois! (SISTO, 2007, P. 39)

Foto 22: Vibração com o enredo da história



Fonte: Lima (2017)

Outro ponto importante que pude observar foi que as crianças diziam que a professora Andréa era muito engraçada e eles gostavam muito da forma como ela falava e mexia o corpo. Um aluno disse: *pró, acho que a senhora deveria ser comediante. A senhora é muito engraçada.*

Creio ser de grande relevância destacar aqui a possibilidade de contar história de forma descontraída e como mais uma prática pedagógica, assim como é a leitura, a escrita ou qualquer outra atividade corriqueira do dia a dia. Assim, fez a professora Andréa. Não precisou mexer no cenário da sala de aula, não deslocou as crianças para qualquer outro lugar, não se vestiu de qualquer personagem infantil, porém a contação fluiu de forma prazerosa e divertida.

Ao concluir a contação, a professora fez um bate-papo com as crianças. Perguntou o que elas haviam entendido da história, quem eram alguns personagens, qual tinha sido a lição que o livro havia passado. As crianças demonstraram grande interesse em participar da discussão. A cada pergunta feita pela professora, as crianças erguiam os braços no ímpeto de responder, a fim de demonstrarem a Andréa o quanto sabiam e tinham compreendido do livro.

Foto 23: Momento de bate papo após a contação



### **Disparidades, similaridades e singularidades entre os dois eventos de contação**

Desde o início da pesquisa, tinha a intenção de reflexionar a contação de história como aporte pedagógico desobrigado de qualquer incumbência que já não estivesse atribuída ao professor. Quis apresentar uma proposta mais simples e que não fosse encarada por elas como mais uma atribuição para o tão movimentado dia a dia do professor.

Encontrei dois eventos com cenários diferentes, porém, em ambas as situações, a contação de história mostrou-se eficaz. A primeira professora não se considerava uma contadora, apesar de ser, pois é cordelista, escritora e amante da leitura.

Já a outra se considerava uma contadora e tinha essa prática naturalmente por ter vindo de uma família que, informalmente, já exercia essa arte. A desenvoltura peculiar da professora é notória e é usada por ela como uma ferramenta de ensino e interação com as crianças.

Sobre ser um contador, Sisto (2007) contribui afirmando o que é necessário para ser um contador ou o que é necessário para que contar histórias, seja arte ao alcance de quem deseja fazê-la. Para o autor, devemos extrapolar as amarras do didático, e do mero informativo. “Saltar da obrigação de ensinamento para a noção de fruição, de prazer estético, de embelezamento da conversa trocada através de uma história, do exercício de linguagem que procura a forma adequada para dizer-se de si mesmo”. (2007, p. 40)

Durante o evento, percebi, na postura da professora Andréa, que esta, naturalmente, conseguia fazer essa fruição ao conversar informalmente com as crianças no meio da história. O fato de parar a história para explicar o que estava acontecendo e a forma como ela trocava informações com as crianças durante o conto facilitou a compreensão do enredo e das palavras novas para as crianças.

Com a professora Anazélia, percebi que esta estava ligada à ideia de que havia necessidade de contar história de forma performática e travestida, o que causava nela um certo cansaço, porém não impediu que o evento corresse bem e as crianças interagissem com ela. Desde já, enfatizo que todas as formas de contar histórias valem a pena. Porém, é essencial reflexionar aqui a contação como uma técnica como qualquer outra usada em sala de aula para o aluno aprender.

De fato, ambos os eventos de contação obtiveram uma aplicabilidade peculiar e eficaz, pois as crianças assimilaram o que foi apresentado a elas e, principalmente, apreciaram a história, usaram a criatividade e a imaginação, fato que gratificou as professoras ao término do processo. Para Sisto (2007, p. 40), “Quem conta, quer igualmente experimentar o poder da palavra, o poder do encantamento, e o poder do vice-versa: marcar e ser marcado!”

Durante as contações, percebi que ambas as professoras tiveram um pouco de dificuldades para concluir o livro. Este foi considerado longo por elas, contudo, apesar da quantidade de páginas, elas conseguiram atingir o objetivo principal, transmitir a mensagem e promover um momento de aprendizagem, inserindo palavras novas ao vocabulário deles, apresentando as lendas presentes na região do vale, discutindo fenômenos regionais como a piracema, trabalhar valores e princípios de respeito e cidadania, promover um momento de prazer na escuta de uma boa história e incentivar a leitura.

Um fator essencial que pude observar, durante ambas as contações, foi o tempo gasto durante o processo. Ambas as performances demoraram cerca de uma hora e vinte minutos, tempo considerado muito longo para uma contação com crianças de sete e oito anos. Devido ao tempo longo, em ambas as salas, as crianças ficaram cansadas e perguntavam se já estava perto de acabar.

Percebi, ademais, um esforço muito grande por parte das contadoras para manter a atenção e o foco na história. Apesar de o livro ser excelente, de uma riqueza cultural vasta, um vocabulário rico e apresentar muitas possibilidades de uso, quando se tratar de contação, ele exige das professoras a capacidade de adaptação e adequação para essa faixa etária.

Por fim, percebi que o encantamento causado pelas histórias não faz distinção de pessoas. Em ambas as escolas, apesar das diferentes realidades sociais e econômicas, o objetivo do evento de contação foi alcançado. Ambos os eventos aconteceram de forma prazerosa para as crianças e houve compreensão e feedback por parte das mesmas.

Dessa forma, acredito que a aplicabilidade de histórias contextualizadas com o semiárido na literatura infantil em sala de aula é um bem necessário para a educação local, pois, além de um estímulo ao conhecimento e ao sentimento de pertencimento, contribui para auxiliar a formação da personalidade sertaneja desde a infância, contribuindo para a formação emocional, social e intelectual.

Saito (2011) afirma que a literatura infantil deve proporcionar aprendizagens, vivências e emoções, favorecendo o desenvolvimento completo e emancipatório do ser humano. Neste sentido, as ações que empregam a literatura infantil precisam ser sistematizadas, tornando-se uma grande aliada no processo escolar.

Finalmente, o livro o “Mistério do sumiço do Velho Chico”, provocou certa inquietação nas professoras, pois elas não conheciam a história e se apaixonaram por ela. Além do encantamento pelo livro, o contato que tivemos fez com que elas reflexionassem a necessidade de inserção de livros regionais nas literaturas selecionadas nas escolas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Era uma vez..., Há muito tempo..., Em um lugar muito distante daqui...

Enunciados como esses têm alimentado a imaginação de crianças por muitas décadas. Pessoas de todo o mundo utilizam as histórias para as crianças dormirem, para ajudá-las na resolução de conflitos, para fins pedagógicos, alertar de perigos, recriar situações, repassar ensinamentos familiares, enfim, são muitas as finalidades das histórias.

As histórias estão presentes em nosso cotidiano e desenvolvem papéis fundamentais no desenvolvimento infantil, posto que contribui ricamente em todos os pontos mencionados acima. Nesta pesquisa, duas professoras foram convidadas a utilizar essa arte como um aporte pedagógico para o ensino aprendizagem, conhecer o livro em questão, adotá-lo como uma literatura infantil contextualizada com o Vale do São Francisco para a prática da leitura e da contação de história.

As professoras eram oriundas de Sobradinho-BA, provenientes de duas escolas distintas, uma pública e outra particular. Conforme foi exposto na introdução, essa pesquisa partiu do pressuposto de que a contação de história deveria ser introduzida a formação das professoras de forma simplificada e desobrigada de performances, cenários e vestimentas obrigatórias. Tendo um livro contextualizado com o Vale do São Francisco como um suporte pedagógico rico, agregador e necessário.

O objetivo geral configurou-se em investigar a contação de história na prática docente de duas professoras, tendo como suporte o livro “O mistério do sumiço do Velho Chico”.

Foi necessário enveredar pela revisão bibliográfica que passou pela formação continuada do professor reflexivo de Perrenoud (2002), além da abordagem feita por

Ângela Kleiman (2001), a qual enfatiza a necessidade de reflexionar o local de trabalho do professor e todas as peculiaridades inerentes ao letramento das profissionais.

Com relação à contação de história, a pesquisa trouxe um apanhado histórico da contação, desde sua origem, quando ainda era apenas tradição oral, sem registros escritos. Apresentou uma trajetória na qual as histórias passaram da cultura popular à ferramenta metodológica em sala de aula.

Para essa produção, apoiei-me em alguns teóricos como Ramos (2011) e Benjamin (1994), que abordaram o processo histórico das histórias quando os comerciantes e navegantes levaram essa arte pelos mares, Sant'Anna (2011), que apontou os românticos como responsáveis pela revalorização da memória oral das comunidades, Malba Tahan (1966), que apontou que a história tem o poder de exercitar a memória, a observação, a inteligência, a lógica, além de estimular a imaginação e intensificar emoções nas relações sociais da pessoa e Sisto (2007), contador contemporâneo que aponta a contação de história como parte integrante essencial na formação infantil.

Para a metodologia, busquei fundamentar esse trabalho na pesquisa-ação Thiollent (1994), Tripp (2005), que se configurou em uma estratégia para o desenvolvimento das professoras de modo que elas utilizaram suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos, além da pesquisa colaborativa Zeichner (1998), que promoveu uma articulação entre professoras e pesquisadora, a fim de construir uma interação acerca de aspectos da prática profissional.

Ainda nesse capítulo, apresentei a primeira experiência de uma oficina de formação de professor ministrada, numa escola municipal em Petrolina-PE, na qual abordei os preceitos do professor reflexivo à luz de Perrenoud (2007) e apresentei o livro “O mistério do sumiço do Velho Chico”, bem como fiz uma contação de história do livro em questão de forma simplificada, por fim, fizemos uma análise do livro.

Para finalizar o capítulo metodológico, expliquei as razões que me levaram a buscar outra forma de coletar dados, visto que perdi todo material que tinha em áudio e vídeo. Fechei o capítulo apresentando as escolas-campo que subsidiaram a pesquisa.

Na sequência, apresentei um perfil das professoras contadoras, inseri o capítulo de análise dos dados, no qual apresentei as professoras colaboradoras que aplicaram o livro “O mistério do sumiço do Velho Chico” em forma de contação de história em suas respectivas escolas, assim como fiz uma análise dos eventos de contação, similaridades, singularidades e discrepâncias entre os eventos.

De fato, as histórias exercem um papel crucial no desenvolvimento infantil, visto que mexem com a imaginação, curiosidade e cognição da criança. Essa pesquisa inseriu na realidade escolar um livro de literatura infantil com uma linguagem contextualizada com o Vale do São Francisco. Ou seja, agregou ao contexto local mais uma possibilidade de uso que permitiu apresentar as lendas do rio São Francisco, mostrou formas de trabalhar a cidadania, resolução de conflitos, fatores geográficos locais, entre outros fatores.

De certo que a análise do livro, em conjunto com as professoras e a prática da contação de história do livro em questão, fortaleceram o processo de ensino e aprendizagem nas duas escolas, pois as professoras compreenderam a importância de trabalhar com temáticas regionais que possam contribuir no fortalecimento dos laços identitários.

Vale ressaltar ainda que a colaboração das professoras contadoras foi essencial para o êxito da pesquisa. Elas demonstraram grande interesse em conhecer o livro, analisar e apropriar-se do mesmo para aplicá-lo em sala de aula. Os eventos de contação foram exitosos, as crianças conseguiram compreender a história, assim como assimilar novas palavras e conhecer mais da realidade do Vale do São Francisco.

Concluí, ao final desse trajeto, que a formação de professor, além de contínua, deve ser internalizada como motivadora e um processo de desenvolvimento que o sujeito percorre na procura de sua identidade plena, independentemente de conjunturas sociais e políticas Perrenoud (2002). Com relação ao livro, sua aplicabilidade reavivou possibilidades de agregar ao dia a dia do aluno uma proposta de interação com seu próprio meio, com a identidade sertaneja e a cultura local.

Por fim, a contação de história mostrou ser um aporte gratificante na construção de saberes, na inserção de novas leituras na literatura infantil regional, na produção de sentidos que tenham o Vale do São Francisco como suporte, no desenvolvimento da imaginação e cognição infantil.

Dessa forma, os dados obtidos nessa dissertação poderão auxiliar no fortalecimento dos laços que unem a contação de história contextualizada com o Vale do São Francisco e a prática docente, de modo que a realidade presente no livro possa contribuir para a construção da personalidade sertaneja, livre de estereótipos, leve e auxiliadora no processo de pertencimento.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Jr., Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999

BATTAGLIA, Stela Maris Fazio. “A Criança e a Literatura”. In: DIAS, Marina Célia Moraes M. & NICOLAU, Marieta Lúcia Machado (Orgs). **Oficinas de sonho e realidade na formação do educador da infância**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

BENJAMIN. W. **O narrador. Considerações sobre a obra de Nicalai Neskov**. In. BAUER. *Magia e técnica: arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 7. Ed. 1994. P. 197-221.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar – pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2003.

CARDOSO, Ana Paula Pereira de Oliveira. **Desafios para a formação de professores**. Coimbra: [s.n.], p. 76, p. ISBN 978-989-26-0666-8. 2014

CHIZZOTTI, Antônio. **A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios**. *Revista Portuguesa de Educação*, ano\vol. 16, número 002. Universidade do Minho Braga, Portugal, p. 221-236

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria – análise – didática**. São Paulo: Moderna, 2009.

COLLARES, C.A.L.et.al. *Jornal Educação e sociedade*, 1999. Vol: 20 issue: 68 pages/record no.: 202 – 219.

DALCIN, Andreia. **Um olhar sobre o paradidático de matemática**. 2002. 162f. Dissertação de Mestrado em Educação: Educação Matemática - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002. Disponível em: <http://www.fae.unicamp.br/zetetike/include/getdoc.php?id=121&article=25&mode=pdf>

FOCHESATTO, Waleska Pessato Farenzena. **A cura pela fala – *The talking cure***. Estudos de Psicanálise. Belo Horizonte-MG, n.36 p. 165-172. Dezembro, 2011.

FOCHESATTO, Waleska Pessato Farenzena. **Estudos de Psicanálise** – Belo Horizonte – MG n.36, p. 165-172. Dezembro 2011.

GARCÍA, C.M. **Formação de professores**: Para uma mudança educativa. Porto – Portugal: porto editora, LDA, 1999.V.C. Coleção ciências da educação século XXI.

GARRIDO Pimenta, Selma. **Pesquisa-ação crítico-colaborativa**: construindo seu significado a partir de experiências com a formação docente. Educação e Pesquisa, vol.31, núm. 3, setembro-dezembro, 2005, p. 521-539 Universidade de São Paulo. São Paulo, Brasil.

Gil, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social** / Antônio Carlos Gil. - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. RAE - Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

KLEIMAN, Ângela. **A formação do professor**: perspectivas da linguística aplicada – Ângela B Kleiman (org.). – Campinas – SP: Mercado de letras, 2001, p. 344, 14x21 cm – (Coleção ideias sobre linguagem).

OLIVEIRA, Maria Alexandre de. **Dinâmicas em Literatura Infantil**. São Paulo: Paulinas, 2009.

LACERDA, Socorro. **O Mistério do Sumiço do Velho Chico**. Ilustrações Bruno Dante. – 1. Ed. – São Paulo: Cortez, 2013

MAINARDES, Rita de Cássia Miléo. **A Arte de contar histórias**: Uma estratégia para formação de leitores. Paraná, 2007

MARTINS, Josemar da Silva. Anotações em Torno do Conceito de Educação para a Convivência com o Semiárido. In RESAB - Secretaria Executiva (Org.). **Educação para a Convivência com o Semiárido: Reflexões Teórico-Práticas**. 2ª ed. Juazeiro, BA: Selo Editorial RESAB, 2006.

MILANEZ, Wânia. **Pedagogia do oral**: condições e perspectivas para sua aplicação no português – Campinas, SP: Sama, 1993.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Leitura crítica da literatura infantil. Leitura, teoria e prática**. Ano 19, n 36, p. 11-17, dez. 2000

PERRENOUD, Philippe. **A prática reflexiva no ofício do professor**: Profissionalização e Razão Pedagógica. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PRIETO, Benita. **Contadores de Histórias**: um exercício para muitas vozes/ Organização Benita Prieto. - Rio de Janeiro: s. Ed, 2011. 240p.

SAITO, Heloísa Toshie Irie. **Literatura infantil e educação infantil**: limites e possibilidades no trabalho pedagógico. (2011).

RAMOS, Ana Cláudia. **Contação de histórias**: Um caminho para a formação de leitores? Londrina, 2011.

SANT'ANNA, Afonso Romano. **Contação de estória: vida e realidade**. Contadores de histórias – Um exercício para muitas vozes. Organização Benita Prieto Rio de Janeiro: 2 Ed, 2011.

SISTO, Celso. Contar Histórias, uma arte maior. In: MEDEIROS, Fabio Henrique Nunes & MORAES, Taiza Mara Rauen (orgs). **Memorial do Proler**: Joinville e resumos de Seminário de Estudos da Linguagem. Joinville, UNIVILLE, 2007. PP. 39-41.

SOUSA, Linete. **Contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental**. Brasil Escola. 2011. Disponível em:

<http://monografias.brasescola.com/educacao/a-contacao-historias-comoestrategia-pedagogica.htm>

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**, 3 Ed., São Paulo: Cortez, 1994

TAHAN, Malba. **A arte de ler e contar histórias**. 5 Ed., Rio de Janeiro: Conquista. 1966.

TRIPP, David. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443 – 466, set. Dez. 2005.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. **Manual de Orientações**: Normas para elaboração e apresentação da dissertação do programa de pós-graduação Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos – PPGESA. Juazeiro, BA, 2015, p. 1 – 23.

WARNER, Marina. **Da Fera à Loira**: sobre contos de fadas e seus narradores. Companhia das Letras: São Paulo, 1999.

ZEICHNAER, K. Para além da divisão entre professor-pesquisador e pesquisador-acadêmico. In FIORENTINI, D.; GERALDI, C. G. e PEREIRA, E. M. (ORGS). **Cartografias do trabalho docente**. Campinas. Mercado de Letras, 1998.

**APÊNDICE****APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES PARTICIPANTES.****DADOS PESSOAIS:**

Nome: \_\_\_\_\_

Naturalidade: \_\_\_\_\_

Escolaridade: \_\_\_\_\_

1) Você se considera uma contadora de história? Justifique

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

2) Com que frequência você conta história na sala de aula?

\_\_\_\_\_

3). Quais as dificuldades encontradas por você para contar ou não contar histórias em sala de aula?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

4) Quais os fatores que você considera positivo quando conta história na sala de aula?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

5) O que você observa de relevante no momento em que você está contando história ? Por exemplo: comportamento dos alunos, reação às histórias, participação dos mesmos, entre outros.

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

6). Você percebe que as histórias contribuem para a aprendizagem das crianças?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**APÊNDICE****APÊNDICE B – FICHA DE AVALIAÇÃO DO LIVRO O MISTÉRIO DO SUMIÇO DO VELHO CHICO.**

O livro apresenta um tratamento adequado ao abordar as lendas ao seu redor?

---

---

---

Demonstra preocupação com significados do senso comum na abordagem da narrativa?

---

---

---

Veicula ilustrações que contribuem para a construção crítico-reflexiva acerca da região do Vale do São Francisco? As ilustrações acrescentam algo significativo ao texto?

---

---

---

Na apresentação das ilustrações são utilizados recursos (cores, figuras, desenhos, personagens etc.). Isto contribui para a formação correta dos conceitos que você guarda?

---

---

---

Estimula o debate sobre a relação conhecimento popular e cultura popular local?

---

---

---